

OEIRAS NA ALMA E NO CORAÇÃO

Elmar Carvalho

2022

CAPA feita com base em fotografias postadas na Internet, em que aparecem as vetustas igrejas de N. Senhora da Vitória e N. Senhora do Rosário, integrantes do rico patrimônio arquitetônico de Oeiras.

Os dois templos católicos são exaltados no poema Noturno de Oeiras e em outros textos do livro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331o Carvalho, Elmar.
Oeiras na alma e no coração / Elmar Carvalho. –
1. ed. – Teresina: Gráfica do Povo , 2022.
52 p.:il.

ISBN 978-65-994553-9-1

1. Literatura Piauiense – Poemas 2. Literatura
Piauiense – Crônicas 3. Discursos I. Título

CDD – B869.1

Ficha Catalográfica: Bibliotecária Larissa Andrade CRB – 3/1179

Todos os direitos reservados. De acordo com a Lei nº. 9.610, de 19/02/1998, nenhuma parte deste livro pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação de informação ou transmitida sob qualquer forma, por meio eletrônico ou mecânico, sem prévio consentimento do autor.

OEIRAS NA ALMA E NO CORAÇÃO

Oeiras navega na noite
de um tempo que não termina.
De um tempo sem medida, fugitivo
de amulhetas e relógios.

Nos longes de minha meninice, salvo engano no livro didático Nosso Tesouro, li – num de seus “serões” – uma referência a Oeiras, como tendo sido a primeira capital do Piauí. Foi a primeira alusão à Terra Mater, encravada nos confins dos sertões de Cabrobó, de que tomei conhecimento em livro. Data daí, talvez, o meu fascínio pela velha Mocha e o meu desejo de conhecê-la.

Por volta de duas décadas depois, numa viagem a serviço da SUNAB – Delegacia do Piauí, a conheci de relance. É que cheguei à noite e logo, ainda no escuro da madrugada, retornamos a Teresina. Posso dizer que apenas a entrevi, que ela apenas se entremostrou, como uma rosa ainda em botão, entrefechada ou entreaberta, como num poema do Bruxo do Cosme Velho.

Contudo, o meu desejo de conhecê-la ou mesmo devassá-la se tornou mais avassalador. E a conheci em toda sua glória e tradição em outras viagens a serviço e, sobretudo, para participar de vários eventos culturais e literários.

Em minha gestão como presidente da União Brasileira de Escritores do Piauí (1988/1990), minha principal meta foi desenvolver uma campanha para que a Literatura Piauiense fosse insculpida no texto de nossa Constituição Estadual (1989), como disciplina obrigatória em nossas escolas, o que terminou acontecendo, graças à acolhida que nos deu o deputado Humberto Reis da Silveira, seu relator-geral, descendente de velhas estirpes oeirenses.

Imbuído desse propósito de bem divulgar a nossa literatura, fiz realizar um de nossos Encontros de Escritores em Oeiras, em cujo evento homenageei o grande romancista brasileiro O. G. Rego de Carvalho, nascido nesta terra de rica história e tanta tradição cultural, religiosa, literária e musical. Nesse encontro, além de outras atividades, o romancista, cronista e médico Exedito Rego pronunciou uma minuciosa palestra sobre o jornalismo oeirense, que infelizmente parece haver se perdido entre os papéis de seu espólio literário.

Em sua conferência, foi ele auxiliado pelo seu afilhado Carlos Rubem, defensor intransigente do patrimônio arquitetônico, artístico e cultural de Oeiras, que além de Promotor de Justiça, o é também de Cultura. Por causa dessa sua veemência em defesa das coisas oeirenses, me solicitou algumas crônicas sobre a velhacap, em ocasiões especiais, dentre as quais estão as em que falo do velho calçamento de Oeiras, do grande poeta Nogueira Tapety e do Sobrado dos Ferraz, hoje Paço Municipal. Na minha crônica Uma noite, em Oeiras, falo do nosso sonho de ser construído, no alto do Morro da Sociedade, o Jardim dos Poetas, em que seriam estampados os poemas que louvam as louçanias da bela paisagem sertaneja e os velhos casarões e sobrados de nossa encantadora Oeiras.

Ao longo dos anos 80 e 90 do século passado e neste século XXI, fui amalhando importantes amizades com ilustres intelectuais e escritores de Oeiras. Além dos já referidos acima, citarei (pedindo desculpas por eventuais omissões): Balduino Barbosa de Deus, meu professor no curso de Direito na UFPI, Possidônio Queiroz, de valsas sublimes, dito o Bruxo Velho de Oeiras, Dagoberto Carvalho Jr., meu confrade na APL, Antonio Reinaldo Soares Filho, Ferrer Freitas, Paulo Gutemberg, Rogério Newton, Gutemberg Rocha, que me prefaciou o livro Noturno de Oeiras, com belas ilustrações de Francisco Leandro, Rita Campos, Paulo de Tarso Ribeiro Gonçalves Filho, Cassy Neiva Gama, Stefano Ferreira, Júnior Vianna, Socorro Barros e Moisés Reis, que fez a apresentação, em lançamentos nesta velha urbe, de meus livros Lira dos Cinquentanos e Noturno de Oeiras e outras evocações, hoje meu confrade na APL.

Sobre muitos dos escritores citados acima tive a honra de escrever, lhes ressaltando o talento e o brilho da escrita. E muitos deles se pronunciaram sobre a minha prosa e sobre a minha poesia, o que vale mais para mim do que certos galardões.

Uma das maiores honras e satisfações que tenho é a de que o meu poema Noturno de Oeiras caiu no gosto e na graça dos amigos oeirenses. Foi incluído em vários livros e antologias. Em diferentes ocasiões, já ecoou no palco do Cine Teatro Oeiras, no adro da catedral e entre suas vetustas naves. Teve versos citados em vários livros e discursos, o que o mantém vivo e presente na memória de meus novos conterrâneos. Foi publicado na Revista do Instituto Histórico de Oeiras, que também publicou vários outros textos de minha autoria sobre assuntos oeirenses. Foram feitos três vídeos desse poema, que se encontram no You Tube, um dos quais recentemente produzido por Inamorato Reis, em que aparecem suas lindas fotografias, com a interpretação irrepreensível de Cláudio Carvalho, de bela voz ritmada e de dicção perfeita.

Na época em que o escrevi, uma cópia de Noturno de Oeiras foi enviada para o advogado Talver de Carvalho Mendes, que me remeteu uma desvanecedora carta manuscrita, na qual teceu muitas considerações elogiosas, mas em que disse haver sentido falta dos sons de bandolins e do velho cemitério. Instigado por essa missiva, senti a inspiração e o impulso para compor o Noturno do Cemitério Velho de Oeiras, que foi musicado e apresentado no dia do lançamento do livro Noturno de Oeiras e outras evocações por alunos do Instituto Barros de Ensino – IBENS.

A dona Anatólia Gonçalves de Sampaio Pereira enviou uma cópia desse livro para seu irmão, o ilustre oftalmologista Elisabeto Ribeiro Gonçalves. Para meu gáudio, poucos dias depois, recebi uma linda missiva desse médico, que é na verdade uma excelente crônica, em que ele, a pretexto de comentar o poema, parece viajar ao tempo de outrora, para rever os prédios e outros sítios oeirenses de uma outra dobra ou dimensão do espaço-tempo, toda impregnada de emoção e saudade.

Em julho de 2013, quando me encontrava de férias, após renunciar a promoções para outras Comarcas, por preferir ser promovido a titular do Juizado Especial Cível e Criminal de Oeiras, consegui esse desiderato. Estava presente a essa sessão o ilustre Des. Sebastião Martins, casado com a senhora Solange, filha desta terra, que sempre me incentivou e aplaudiu o labor literário.

Assumi o Juizado no começo de agosto, mas logo após recebi a impactante notícia, dada por minha mulher, por telefone, de que os exames que fizera constataram a existência de um CA, o segundo de minha vida, o que me impediu de exercer por mais tempo a minha atividade judicante nesta vetusta Comarca, embora estivesse contente com minhas funções e com o relacionamento e apreço dos servidores. Todavia, tive a honra de encerrar minha carreira como magistrado pertencente a esta jurisdição de entrância final.

Posso dizer que ao longo de todos esses anos participei de vários eventos culturais em Oeiras, escrevi textos sobre vários assuntos e logradouros oeirenses, bem como várias crônicas e críticas literárias sobre diversos poetas e escritores de nossa etérea e eterna capital.

Assim, julgo que me fui tornando um cidadão oeirense por livre e espontânea vontade de mim mesmo, ou por conta própria como disse um amigo.

Diria que me tornei um oeirense por coração, vocação, predestinação e devoção. Mas, para continuar com essas rimas em ão, acrescento que como coroação a Augusta Câmara Municipal de Oeiras, no tempo certo de Deus, através de proposição do Excelentíssimo Vereador Neander Francisco da Silva Moura, com o beneplácito dos demais parlamentares, houve por bem me conceder o glorioso Título de Cidadão Honorário de Oeiras, que tudo farei para honrar, e que me será um galardão, do qual saberei manter o lustre. Agradeço a todos os eminentes Vereadores, aos do tempo da concessão, ocorrida em 2013, e aos deste momento da solenidade de outorga desta magna honraria, na pessoa do Excelentíssimo Sr. Espedito Martins, Presidente desta Egrégia Casa Parlamentar.

Que mais dizer? Nada mais preciso dizer, exceto repetir que agradeço, comovido, ao povo de Oeiras e aos nobres e distintos Vereadores por este áureo Título, que oficializa e enobrece para sempre a minha cidadania oeirense, que sempre porfiei em cultivar em minha acendrada oeirensidade.

() Discurso pronunciado no dia 06/06/2022, em solenidade da Câmara Municipal de Oeiras, no dia em que recebi o Título de Cidadão Oeirense.*

**PEQUENA
SELETA
OEIRENSE**

NOTURNO DE OEIRAS

Meia-noite.
Metade silêncio,
metade solidão.

Atravesso a praça das Vitórias
na hora dolorosa das doze badaladas
punhaladas que também me atravessam.

Da casa de doze janelas
doze donzelas me espiam com olhares
que são setas de medo que
assustam e extasiam.

Passadas pesadas
nos assoalhos de tábuas
dos rugosos sobrados se confundem
com o batuque tuc-tuc e
com o atabaque tac-tac
de meu desengrenado coração.

A lua se esgueira e espreita
das frestas das nuvens.

Os fantasmas caminham
solenes, devagar,
visíveis e invisíveis,
seres que são e não são.

No horto do Pé de Deus
visagens rezam contritas.
No horto do Pé do Diabo
assombrações assombram
bichos e visitas.

À distância a casa da pólvora
vigia em sua solidez de pedra bruta.

Nos campanários de antigas igrejas
algum falecido sineiro repica
os sinos para si mesmo.

Uma sonata se evolva
de piano que já não existe.
E persiste por pura teimosia.

O suicida se insinua
no vão da escada de vetusto sobrado.
Uma taça de prata tilinta e se despedaça ...

O relógio da catedral
parou no tempo que continua:
a pátina róí as bordas
da ferida do mostrador e
mostra a dor das doze badaladas.

Negros ainda esperam abolição
absolvição nas cercanias do Rosário
pelos pecados que não pecaram.

As pedras antigas do calçamento
são percorridas por sombras
feitas somente de alumbramento.

O vento que passa
não é vento: é frufu
de saia de pessoa morta
ou hálito de porta
de casa já demolida.

Horto sagrado
do que é morto
e é lembrado;
do que é apenas esquecimento
(do que não é nem será
sequer pensamento).
Cemitério
de lápides indecifradas

De cruzes mutiladas
e braços pensos.
De chumbados anjos sem voo
e de asas decepadas.
De correntes arrastadas
na via crúcis das
almas penadas.
De vultos
queridos da História.
De vultos
diluídos, sem memória ...
De túmulos caídos, caídos,
encardidos pelo tempo.

Cemitério de abandono:
fantasmas sem sono
abrem os portões
de gonzos gementes, enferrujados,
e vagam pelas
ruas adormecidas
– sombras tênues, diáfanas,
esquecidas.
Cemitério
de uma morte
absoluta e sem fim
como uma música
sublime de bandolim
tangido por dedos mágicos
de Arcanjo ou Serafim ...

Te. 13/14.10.94

UM PASSEIO NO TEMPO E NO ESPAÇO

Segundo a Física há quatro indissociáveis dimensões: as três do espaço e a do tempo. No presente livro, viajamos no tempo e no espaço, simultaneamente. No espaço, porque visitamos os principais pontos turísticos da Velha Capital, e no tempo, porque o seu autor, ao mostrar os diferentes patrimônios arquitetônicos, logradouros e sítios, encontra sempre o ensejo para fazer importantes esclarecimentos e digressões históricas, em que parece nos conduzir ao tempo pretérito, tal a arte com que disserta.

Na Divina Comédia, quando o sublime Dante percorreu os círculos infernais, foi guiado pelo não menos sublime poeta Virgílio, que, certamente, com a sua presença lhe mitigava os horrores daquele périplo tenebroso. No Passeio a Oeiras, igualmente temos como guia um poeta de boa têmpera; e não apenas um poeta, o que já seria muito, mas também um historiador de larga cabotagem e um crítico de arte de rara competência, e além do mais familiarizado em arte sacra, posto que é o festejado autor de *A Talha de Retábulos no Piauí*. Como historiador, escreveu *História Episcopal do Piauí*. Ora, sendo a riqueza histórica e artística de Oeiras eminentemente embasada na religiosidade, não se pode olvidar que a junção, no mesmo escritor, de um crítico especializado em arte sacra e um historiador voltado para a Igreja, termine por formar o amálgama precioso de um guia incomparável, pois este *Passeio a Oeiras*, como bem observou o professor Paulo Nunes, “pode perfeitamente emparelhar-se aos grandes guias de cidades brasileiras, a exemplo do *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira; dos *Guias Prático, Histórico e Sentimental do Recife* e de *Olinda*, de Gilberto Freyre e de *Bahia de Todos os Santos*, de Jorge Amado”. Endosso a opinião do mestre e assinaria embaixo, sem hesitar.

Esse amálgama do poeta, do historiador, sobretudo da história do catolicismo no Piauí, e do crítico de arte sacra, principalmente a dos retábulos, criou as condições excepcionais para que o livro atingisse as culminâncias que atingiu. Isso porque esse cadinho fez com que o nosso guia e escritor, além de mostrar os aspectos relevantes da arquitetura dos casarões e dos templos, discorresse também sobre estilos e detalhes do objeto artístico, que poderiam passar despercebidos a um olhar desatento, principalmente de um leigo, ao tempo em que colhia o ensejo para fazer pertinentes comentários de caráter histórico, tudo isso repassado de uma linguagem muitas vezes embebida de suave poesia, o que faz com que, em muitas passagens, a sua prosa se converta em legítima prosa poética, referta de sentimentos, emoções e sensações, sem contudo perder a objetividade do crítico, nos momentos em que descreve e comenta o patrimônio artístico e arquitetônico.

Dagoberto, que é confessadamente um grande admirador de Eça de Queiroz, é também um estilista cuidadoso, que soube extrair as lições dos mestres do classicismo, ainda mais porque é ele também um erudito. Por essa razão, o seu livro é de leitura agradável, tanto pelo estilo em si mesmo, como pelo recheio delicioso do conteúdo, em que aproveita para ministrar lições de história, relacionadas ao patrimônio ou objeto

que está sendo mostrado ou visitado. Como é ele um profundo conhecedor da história oeirense, essas dissertações se tornam ainda mais agradáveis porque falam em certos pormenores da época e da figura histórica, mostrando mesmo aspectos do cotidiano, que nos dão a sensação de termos sido transportados no tempo. O estilo fluente, não maçante, e esses pormenores, dão ao livro certo sabor de romance, em vários trechos, fugindo de um tecnicismo e de um descritivismo, que, se fossem usados abusivamente, tornar-se-iam enfadonhos. Graças a sua erudição, mormente em história e arte, produz intertextualizações e referências pertinentes. Em decorrência desses atributos e qualidades, o livro possui passagens que lembram os cronistas lusitanos antigos.

Por vezes nos emocionamos em certas passagens, quase mesmo arrepiando-nos a pele, como se estivéssemos a ver o fantasma de figuras históricas do passado distante, como se ouvíssemos os seus passos a subir as escadarias dos vetustos sobrados, ou quando parecemos ver essas sombras no coro das igrejas e ouvíssemos o ressoar dos hinos e dos cantochões, ou ainda o som lúgubre de miserere e réquiens. Lendo essas páginas parece-nos ouvir as vozes dos sinos, em cadências festivas, augurais, ou no ritmo tristonho, melancólico dos dobres a finados.

O conhecimento profundo da história da Velha Mocha, haurido nos livros e extraído de antigos documentos, além do olhar arguto e perscrutador que lança às lápides do cemitério e da igreja e aos velhos edifícios, permitiram-lhe tirar conclusões quase detetivescas, mas embasadas sempre em severa lógica.

Conforme o local e o andamento do passeio, o escritor aproveita a oportunidade para falar do folclore oeirense, para discorrer sobre costumes antigos. Dessa forma trata de tradições bem antigas, algumas oriundas do medievalismo. Certas manifestações religiosas e profanas são tipicamente oeirenses, não se encontrando em nenhuma outra paragem do Piauí, como a congada e a procissão do fogaréu. Um desses folguedos e costumes era a verdadeira escaramuça dos fogos de São João, em que duas facções adversárias se defrontavam até que o boi de palha fosse arrebatado e queimado. Foi desse brinquedo pirotécnico que surgiu a designação Rua do Fogo.

O roteiro, ao percorrer as ruas, vielas, becos e travessas, recorda os nomes antigos, pitorescos e engraçados de muitos logradouros, que homenageavam moradores antigos, velhos costumes e episódios anedóticos e curiosos, e até mesmo de relevância histórica ou cultural. Essas denominações jamais deveriam ter sido apagadas. É oportuno registrar que Dagoberto, na condição de presidente do Instituto Histórico de Oeiras ou apenas na qualidade de cidadão e historiador, lutou para que esses nomes fossem conservados, para que os velhos prédios e sobrados, mesmo com as suas rugas e achaques, fossem preservados, e reivindicou a afixação de pequenas placas, que identificassem a importância histórica de certos edifícios. Obviamente que, caso seja impossível, por algum motivo, o retorno desses nomes poéticos, pitorescos e tão sugestivos, ao menos deveria ser indicada nas placas contemporâneas a denominação antiga do logradouro.

O passeio dagobertiano percorre sítios, que encantaram gerações de oeirenses; contempla as quintas que foram cantadas em belo poema de O. G. Rego de Carvalho; discorre sobre antigas construções que já desapareceram há muitos anos, e que só são referidas em velhos alfarrábios e documentos; recorda solares e casarões que ainda persistem em permanecer na memória de uns poucos, que os conheceram. Relembra

os antigos habitantes desses edifícios, dando a essas ruínas ou a esses espaços vazios a emoção da saudade por um bem que já não pode ser revisto. Passa pelas vertentes, pelos córregos e riachos, pelos poços dos saudosos banhos de outrora, sobretudo da adolescência e da meninice, dos cangapés, das pultricas e dos saltos mortais. Alguns desses sítios tinham nomes também engraçados e pitorescos. O riacho da Pouca Vergonha hoje só tem vergonha da pouca água que tem, ou que não mais tem. O histórico Mocha é hoje um riacho praticamente exterminado. Os olhos-d'água já não choram, já não derramam suas lágrimas aquosas. Apenas choram um choro seco pelas águas que ficaram estagnadas e mortas nas profundezas da terra.

Nesse périplo turístico, histórico, artístico e cultural pela Terra Mater, fala nos costumes e na história mais recente da cidade, como as serestas que eram deflagradas nas noites oeirenses, mormente através dos dedos mágicos de Geraldo Queiroz, a tanger as cordas vibráteis do pinho, como mestre consumado que era. Foi ele o introdutor da bossa-nova em plagas velhacianas. Também fala em figuras ilustres da história mais recente da antiga capital, mas apenas no contexto do logradouro que o cicerone e seus acompanhantes percorrem, e caso a personalidade tenha algo a ver com o local ou obra arquitetônica visitada.

Passeio a Oeiras é esplendidamente enriquecido pelas ilustrações de Zuleica Tapety e Mário Paciência. Zuleica, com as suas suaves e deslumbrantes aquarelas, figurativas, mas que transfiguram a paisagem, como que embebidas de sensações, que nos emocionam e embriagam. Algumas pinturas, embora retratem prédios ainda existentes, reproduzem um tempo antigo, com terrenos baldios, sem carros e sem amontoados de casas modernas, como que nos transportam a um tempo antigo, de que ficamos nostálgicos graças ao sortilégio de sua grande arte. Quanto a Mário Paciência, ou ele faz jus ao sobrenome que tem, e realmente tem muita paciência, ou esse nome lhe foi dado por ele ter essa alta qualidade, especialmente para quem faz uma arte como a dele – a nobre e rara arte do bico de pena, tão cheia de traços miúdos, exatos e perfeitos, ou permeada por um discreto pontilhismo, que lhe dá volume, textura e perspectiva. Suas vinhetas, de traços tão caprichosos e minimalistas, inevitavelmente me fazem lembrar, conquanto em arte diversa, a ourivesaria delicada, leve, pequenina do mestre renascentista italiano.

O escritor não quis atualizar seu livro, incorporando acréscimos em torno de recentes fatos históricos e de novos prédios e logradouros, já que não se trata de um guia turístico, efêmero, mutável e descartável, mas de uma verdadeira obra de arte literária, adotando o mesmo comportamento de Gilberto Freyre e Jorge Amado, que também nunca atualizaram os seus guias. Dessa maneira, permaneceu indelével em seu roteiro e em sua memória nostálgica a Oeiras de sua infância. Bem por isso, não está no livro a quinta do “soldado” Hermínio, em cujo pátio também viajamos no tempo, a bordo das carcaças de carros antigos, fincadas na areia. Embora de forma algo atravessada e um tanto sorrateiramente, não resisto à tentação de transcrever em e-mail, quase micro crônica, que enviei ao caríssimo Carlos Rubem, por ocasião da morte do excêntrico personagem: “Quando soube da morte do Hermínio, lembrei-me da vez em que você me levou a seu sítio. Recordo-me que o amigo percorreu um beco estreito, ladeado de cercas de arame farpado, com o carro em marcha à ré, numa velocidade quase alucinante, o que me revelou os seus dotes de Airton Sena do sertão. Depois, vendo as velhas carcaças

de jurássicos automóveis, senti-me num verdadeiro túnel do tempo, como se tivesse voltado ao tempo em que aqueles suntuosos carros desfilavam pelas ruas de outrora, orgulhosos da própria beleza e da admiração que despertavam. Quando entramos na casa do Hermínio, uma revoada de morcegos saudou a nossa chegada. Eram as “aves” de estimação desse visionário. A casa tinha uma parafernália inusitada dos mais diferentes objetos, que mais parecia um museu de quinquilharias e espantos.” Assim, Passeio a Oeiras permanece irretocável e imexível, como uma fotografia literária perfeita e acabada da primeira e invicta capital do Piauí.

Arrematando, declaro que ante os ilustres prefaciadores e apresentadores que me antecederam em cinco edições – Humberto Guimarães, A. Tito Filho, M. Paulo Nunes, Nilo Pereira, Moisés Reis e Fonseca Neto – senti-me oprimido sob o peso dessa responsabilidade, e só aceitei a incumbência porque não havia despertado para a tocaia que a honraria do amável convite encerrava.

Parafraseando a última estrofe de meu Noturno de Oeiras, mas trocando a noite pelo dia, devo dizer que, através das páginas deste livro – páginas solares, álacres, vibrantes, verdadeiro cântico de exaltação – Oeiras navega no esplendor de um tempo que não termina, de um tempo sem medida, eternizado nestas páginas imortais.

A CUSTÓDIA DE OURO DE OEIRAS

Na semana passada, quando eu iniciava minha caminhada na Raul Lopes, deparei-me com Carlos Rubem, eminente Promotor de Justiça e proeminente promotor cultural. No decorrer da conversa, falei-lhe sobre o meu livro Bernardo de Carvalho, o Fundador de Bitorocara. Discorri sobre a personalidade e sobre as qualidades dessa ilustre figura do Piauí colonial, e sobre o seu injusto esquecimento, que tentei mitigar através de meu opúsculo.

Dei ênfase ao fato de que ele foi um amigo de Oeiras, tendo contribuído para a ereção da igreja erguida pelo padre Tomé de Carvalho, de quem ele era parente. Segundo as pesquisas do historiador padre Cláudio Melo, na verdade ele concorreu tanto para o soerguimento da velha como da menos vetusta igreja da velha capital, erigidas sob a invocação de N. S. da Vitória. Acrescentei que fora Bernardo quem doara a rica custódia de Oeiras, em ouro maciço e cravejada de várias pedras de diamante. Segundo os entendidos, essa linda peça sacra é um fino trabalho da ourivesaria portuguesa.

Carlos Rubem ficou um tanto surpreendido com minhas informações, frutos das pesquisas de Cláudio Melo, sobretudo nos arquivos de Lisboa, e me disse que a crônica histórica de Oeiras não registrava o nome do doador. Sabia-se apenas que essa magnífica e rica obra de arte fora doada por rico fazendeiro, cujo nome se perdera nas brumas do tempo. Sugeriu-me escrevesse uma crônica sobre a velha e bela custódia, passando-me, de memória, importantes informações, e indicando-me alguns textos, que eu poderia usar para enriquecimento de minha crônica. É o que estou tentando fazer agora.

Joca Oeiras, articulista de boa cepa, no belo texto denominado O roubo da Custódia, consigna que em 1926, quando a Coluna Prestes esteve na cidade de Oeiras, o tenente Siqueira Campos, tendo ouvido comentários de que na Igreja de N. S. da Vitória se encontrava a rica peça do ritualismo católico, ainda chegou a mandar que lhe trouxessem querosene para pôr fogo na porta do templo, a fim de arrebata-la, e só não o fez porque o próprio Luiz Carlos Prestes, após áspera discussão com Siqueira, impediu que essa barbárie fosse cometida.

Em artigo do historiador Júnior Vianna, recolho a informação de que esse ostensório da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória foi roubado em 12 de maio de 1809. Nesse texto consta que, pelos poucos escritos e pela história oral, a custódia fora doação de abastado fazendeiro de gado, no século XVIII. Embora o nome do doador não esteja consignado, a informação se harmoniza com as pesquisas de Cláudio Melo, relatadas no seu livro Bernardo de Carvalho.

A crônica histórica registra que o coronel Raimundo de Sousa Martins, nas proximidades da fazenda Canavieira, encontrou um caboclo já nas vascas da agonia, vítima de violenta infecção intestinal. Esse homem, talvez por remorso ou temendo tremendo castigo, quando passasse deste para o outro mundo, fato que já se avizinhava, revelou ao coronel o seu crime, e disse que a custódia se encontrava no surrão que conduzia. Terminou dizendo, no intuito talvez de diminuir a sua culpabilidade, que o mentor do crime fora o pernambucano Thomaz Vilarinho, a quem deveria entregar o objeto sagrado.

O escritor Expedito Rego, no capítulo XIII de seu notável romance Visconde e Vaqueiro, intitulado O roubo da custódia, que pode ser lido quase como se fosse um texto autônomo, trata desse assunto. Claro, nele a história se mistura com a imaginação do romancista, porquanto é uma obra de ficção, embora permeada pela verdade. No texto de Expedito Rego, quem encontra o ladrão é um vaqueiro e não o fazendeiro Raimundo de Sousa Martins. Todavia, a história é muito semelhante ao que foi narrado no parágrafo acima. Até o nome do autor intelectual é coincidente, em como a circunstância em que o larápio revelou o seu crime.

Como uma homenagem a Bernardo de Carvalho e Aguiar e ao seu mais brilhante admirador e biógrafo, padre Cláudio Melo, transcrevo as lapidares palavras deste magistral e respeitado historiador, cuja obra completa, através da Academia Piauiense de Letras, com o apoio de seu operoso presidente, o historiador Reginaldo Miranda, venho porfiando em editar, em volume único:

“Os heróis não morrem, senão na visão dos seus contemporâneos. Como sementes, são lançados sob o solo para que depois germinem, produzam frutos e muitas sementes que os perpetuam no multiplicar-se dos anos.

Bernardo de Carvalho na sua bondade e fé estará sempre lembrado nas pedras da Catedral de Oeiras e particularmente na belíssima Custódia de ouro e pedras preciosas que ele ofereceu ao seu Deus sacramentado, e hoje é expressão material da riqueza de seu coração fiel.

Para os que são inclinados à vida política, será sempre o modelo ímpar de homem público devotado, sem interesses nem concessões duvidosas, nobre no sangue, no caráter e nos feitos.”

UM PÉRIPO PELAS CRÔNICAS DE EXPEDITO (*)

A crônica, durante muito tempo, foi considerada um gênero literário menor. Uma espécie de mero artigo de jornal, descartável como o próprio veículo em que era divulgada. Mas, aos poucos, foi ganhando foro de peça literária. Com o surgimento de grandes cronistas, como Machado de Assis, Rubem Braga, Fernando Sabino, para citar apenas três, passou a ocupar lugar de destaque na literatura, em que algumas figuram sempre nas melhores antologias escolares, e servem de paradigma do que melhor existe em termos de texto literário.

Esse tipo de fatura literária versa quase sempre assunto do cotidiano, da realidade, que poderia acontecer a qualquer pessoa e em qualquer lugar. Por vezes vem revestida da melhor prosa poética, em linguagem escurrita e elegante. Outras vezes, toma um aspecto coloquial, despojado, quase como se fora uma conversa despreziosa, entre amigos. Há crônica que, a propósito de um tema trivial, aproveita o ensejo para fazer incursões eruditas, em tom quase professoral. Poderia mesmo dizer que alguns desses textos, em certos momentos, adquirem o formato de uma espécie de pequeno ensaio, dependendo do propósito e da habilidade do escritor. Como a vida é sempre mais surpreendente do que a própria arte, cheia de acontecimentos inusitados, bizarros mesmo, alguns cheirando a galhofa, outros com pitadas de tragédia grega, muitas crônicas se confundem com o conto, não se podendo dizer ao certo se se trata de uma pequena ficção ou se apenas de uma narrativa verídica. Em várias, o autor destila o seu humor, mais contido, mais sóbrio, à inglesa, ou desbragado, desabrido, quase como uma comédia escancarada e escrachada. Em outras, o autor derrama o seu lirismo, o seu romantismo, como um vate tomado da mais pura emoção e sentimentalidade. Quanto ao tema, a crônica pode tratar de qualquer assunto, inclusive até mesmo, como já tem acontecido, da falta de assunto que atormenta o cronista no momento em que é forçado a escrevê-la, por imposição de seu compromisso com o periódico em que ela deve ser dada à estampa. E foi o que aconteceu com o nosso cronista, porquanto um de seus textos discorre exatamente sobre a falta de assunto, que, aliás, é o seu título. Porém, no seu caso, o texto surgiu não por falta de inspiração, mas sim por livre escolha dessa temática, e que terminou sendo um de seus melhores escritos, por sinal bastante recheado de assunto.

Agora, o que não deve faltar a uma crônica verdadeiramente literária, verdadeiramente obra de arte, é o cultivo da linguagem, o arranjo artístico das palavras, ou seja, o aspecto formal em que o conteúdo deve ser vertido. Não fora assim, qualquer pessoa poderia ser um artista da palavra, pois todo mundo conversa, todo mundo tem assunto, todos têm o que dizer e o que contar. Não basta ter o que contar, há que se saber contar; não basta ter o que dizer, há que se saber dizer. Ou seja, há que existir sempre a ideia de ofício, de trabalho, de saber trabalhar a linguagem, de o conteúdo ser bem-casado com a forma.

Lamentavelmente, nestes tempos de tanto barulho musical, de dança da garrafa, de eguinha pocotó, pocotó, pocotó, de tanta poluição audiovisual, de internet que aceita tudo, porque tudo pode ser despejado na grande rede, já poucos procuram a reflexão, a meditação, o monólogo, o diálogo consigo mesmo. Poucos se dedicam à leitura, sobretudo à leitura dos clássicos, dos grandes mestres da palavra escrita. Entretanto, todos podem ter o seu próprio blog ou site, ou mesmo ter acesso a blogs ou sites não seletivos; todos podem derramar os seus textos na grande rede, mesmo que não tenham o que dizer, ainda que não tenham o que contar, e, o que é pior, ainda que não saibam a arte de bem escrever. Percebo, nos mares internéticos, uma tendência para textos de autoajuda, excessivamente apelativos para a sentimentalidade do leitor, para as fraquezas de uma época de muito desamparo e desesperança e quase exigindo, através de uma espécie de chantagem emocional ou religiosa, que o leitor repasse o texto, na formação de verdadeira “corrente” de envios e reenvios.

Algumas pretensas crônicas não passam mesmo, pela falta de tratamento literário, de artigo sensaborão, a comentar notícias do momento ou bobagens, de maneira superficial e canhestra. Não haverão de sobreviver, e certamente irão para a lixeira virtual do computador ou para a lixeira real da cesta de lixo concreta. Ainda outros artefatos escritos não são contos nem crônicas, mas incipientes narrativas de casos anedóticos, folclóricos, jocosos, ou mesmo trágicos, mas que não se sustentam como peça literária, por não terem traquejo redacional, por não terem os personagens bem delineados, sobretudo psicologicamente, e sem a devida construção do suspense que atrai a atenção do leitor até o desfecho.

Fiz esse arrazoado para dizer que o nosso Expedito Rêgo é um hábil cronista.

E o é porque sabia dizer e porque sabia contar e narrar. Tinha o domínio das frases. Sabia construí-las com clareza, graça e simplicidade. Além do mais, tinha a correção gramatical, que sem gramatiquice, sempre deve existir, exceto nas licenças literárias e poéticas, quando o próprio contexto e o desiderato do artista o exigem.

As suas crônicas não são simples crônicas do dia a dia, mas revelam um observador atento, que percebia certas sutilezas, e as descrevia com criatividade e graça. Via o que muitos jamais veriam. Percebia o que às vezes apenas um cego percebe, pelo aguçamento dos demais sentidos, e até mesmo do sexto ou sétimo sentido, ou ainda do não sentido, mas apenas intuído.

Como médico e como romancista de escol, sabia perscrutar os escaninhos da alma humana, os recantos mais esconsos do espírito. Por isso os seus textos são permeados de humanidade, de compreensão humana, em que as fraquezas e as misérias do homem podem ser abordadas, mas sem escárnios e zombarias. Entretanto, alguns não são desprovidos de sutil e leve ironia, mas sempre de maneira sóbria, sem nada de grotesco.

Na concepção de várias crônicas, foram utilizadas a sua experiência de vida e muitos fatos foram hauridos de sua profissão de médico, pois algumas são trechos de sua memória, e narram fatos interessantes, pitorescos e de valor histórico. Posso dizer, sem medo de errar, que muitos desses textos têm agradável sabor de conto, porquanto são narrativas prazerosas. Outros, conquanto sem pedantismo e sem arrote de erudição, terminam por revelar o seu longo e aproximado convívio com os livros, sobretudo os clássicos da literatura. Num deles o mestre tem a humildade de revelar que não conseguiu ler algumas dessas consideradas grandes obras, embora o tentasse com afinco. Terminava o seu pensamento divagando, o que lhe impossibilitava concentrar a atenção no que estava lendo. Certamente todos nós já tivemos grandes obras, que, por um motivo ou por outro, não conseguiram nos agarrar a atenção. Mesmo quando sua crônica toma mais o aspecto de artigo é sempre de leitura agradável e amena, porquanto a sua inteligência, senso de observação, perspicácia e habilidade em redigir transmitem-lhe o devido valor de obra de arte. Para resumir, diria que as crônicas de Expedito Rêgo reúnem as qualidades de uma boa crônica, a que fiz referência em minhas palavras iniciais.

Crônica, em sua própria etimologia, tem tudo a ver com o tempo. Nesse sentido, Expedito Rêgo foi um exímio cronista, pois vários textos, além dos que dizem respeito a suas lembranças pessoais, evocativas, tratam da memória de Oeiras, de seu aspecto arquitetônico, urbanístico, paisagístico, de certos fatos pitorescos, da origem de certos nomes de ruas, que se revestem, alguns, de caráter anedótico. Faz ressurgir a lembrança de velhos médicos, que haviam injustamente imergido no mar do esquecimento. Restaura fatos históricos de seu tempo e outros mais antigos, que atrairão o interesse de historiadores.

Como já sublinhei, algumas crônicas foram extraídas de fatos corriqueiros, de episódios do cotidiano, de alguma leitura ou conversa circunstancial, e até mesmo desencadeadas por notícias de jornal ou televisão, enquanto outras emergiram das lembranças de sua vida, e têm caráter nitidamente autobiográfico. Contudo, as crônicas de viés memorialístico não foram concebidas para exaltação de sua própria pessoa, não gravitam em torno de seu umbigo, nem são repassadas de bazófilas e empáfias de pretensas nobiliarquias e blasonarias genealógicas, mesmo porque Expedito Rêgo sempre foi um homem humilde, contido, sóbrio. Ao contrário, suas crônicas memorialísticas são saborosas, em que o escritor colheu o ensejo para narrar acontecimentos engraçados, episódios pitorescos de sua infância, tenha sido ele protagonista ou não. Algumas, podem ser de interesse dos historiadores, seja por versar fatos da história recente, seja por revelar aspectos que bem poderiam servir à história do cotidiano, porquanto mostram costumes,

certo modo de vida e até mesmo brincadeiras e folguedos que já não subsistem, numa época triste que idolatra a televisão, o computador e demais parafernálias tecnológicas, mormente audiovisuais.

Muitos de seus textos buscam o sentido da existência da vida, a razão maior do ser enquanto ser, na angústia que todos temos em buscar a finalidade da vida e de nossa própria existência. Abordam aspectos filosóficos da vida e mesmo teológicos, em sua busca constante de Deus, embora Expedito se considerasse agnóstico. Sobre esse seu posicionamento, assim me pronunciei por ocasião de sua morte:

“(…) embora não tivesse Fé, tinha Esperança, e era bom, e era justo e digno e íntegro. Inclusive, na meteórica incursão na política, muitos anos atrás, por insistência de Balduino, que desejava vê-lo prefeito de Oeiras. A seriedade de Dr. Expedito pôs tudo a perder, porquanto não sabia mentir e muito menos fazer falsas promessas, que muitos políticos fazem, sem a mínima intenção de cumpri-las. Muitos são bons e caridosos porque acreditam numa recompensa numa outra vida ou numa outra dimensão ou reencarnação. Dr. Expedito, não. Era bom porque era bom e não poderia ser mau. Médico caridoso, por simples índole, sem interesse outro, dizem que muitas vezes atendia pessoas humildes, sem nenhuma remuneração e recompensa, e, às vezes, em face da miséria absoluta, deixava sua camisa externa para envolver o recém-nascido, deixando ainda algum dinheiro para a compra de medicamentos.

Não obstante agnóstico, fez o hino à Catedral de N. Sra. da Vitória e alguns poemas de caráter religioso, num deles retratando a procissão do Senhor dos Passos, com imagens muito vivas, em que são ressaltados o estandarte purpurino de Roma e a coroa de espinhos, que maceravam corações. Isso bem revela o respeito que tinha pelas coisas sagradas e pela religiosidade do povo.

Morreu após longo e atribulado sofrimento. Morreu reconciliado com o Deus de sua infância, reconvertido que foi ao Catolicismo. Morreu com Fé e Esperança, no regaço de Deus, que afinal nunca abandonara, pois quem foi bom, justo e caridoso, nunca deixou de tê-Lo em seu coração, malgrado por anos não O tenha percebido, conquanto Dele estivesse tão próximo.”

Em suas crônicas, repontam, em muitos momentos, a sua própria vida, suas memórias, sua experiência humana, seu labor de esculápio desses sertões, desse agreste tão agre, tão agressivo, tão adusto, mas sobretudo nelas percebemos o talento de um mestre da crônica, a esgrimir as palavras e os diferentes temas com habilidade, beleza e conteúdo, com a destreza de quem tinha o que dizer e sabia dizer, de quem tinha o que contar e sabia contar.

() Discurso proferido em 23.10.09, à noite, na Casa das Doze Janelas, em Oeiras, na solenidade de lançamento do livro Crônicas Esquecidas, da autoria de Expedito Rêgo.*

NA COMARCA DE OEIRAS, ENTRE ANJOS E POETAS

No sábado, dia 3, após ter sido promovido para o Juizado Especial Cível e Criminal da Comarca de Oeiras, fui levar alguns de meus poucos pertences ao apartamento em que passarei a residir na velha capital. Reduzi ao mínimo possível esses objetos. Fomos em minha picape e em um pequeno caminhão-baú. Fui ajudado pelos meus irmãos César (Neném) e Antônio José, e mais pelo César Pinho, pela sua esposa Simone, sobrinha de Fátima, minha mulher, que também estava presente. Meu pai, Miguel Arcângelo, não obstante seus 87 anos de idade, igualmente ajudou com bravura, na medida do possível e do impossível.

Eu havia feito, dias antes, um desses desagradáveis exames invasivos, que podem ser considerados como uma pequena cirurgia. Dirigi a picape tanto na ida como na volta, o que totaliza mais de seiscentos quilômetros, além de ter feito esforço na remoção dos móveis. Como eu estava debilitado pelo referido exame, terminei ficando com muitas dores e mal-estar, de modo que fiquei como se estivesse doente, tanto no domingo, como na segunda-feira. Dessa forma, resolvi tomar posse na terça-feira, dia 6 de agosto, dentro do prazo de 30 dias, desde a promoção, a que tinha direito.

Fui acolhido pelo juiz da Vara Única da Comarca de Oeiras, Dr. Leandro Emídio, que teve a generosidade de me convidar para morar no apartamento em que ele reside. Tomei posse administrativo-burocrática na forma de praxe. Assinei o termo lavrado por Benedito Carneiro, diretor de secretaria do Juizado. Revi o promotor de Justiça Carlos Rubem, que também designo como promotor de cultura, que conheço faz mais de duas décadas, através das diversas ocasiões em que participei de eventos literários na velha capital. Anunciou-me ele o lançamento de um livro com poemas de seu tio, o saudoso poeta Gerson Campos, cuja solenidade acontecerá no dia 13 de setembro, sexta-feira, à noite.

Presentes os funcionários do Juizado Especial Cível e Criminal, após a assinatura do termo de posse, resolvi dizer umas breves palavras. Falei que éramos servidores públicos, e que dessa maneira éramos servos, e tínhamos o dever de bem servir aos jurisdicionados. Lembrei-lhes que, parafraseando Jesus, o maior dos servidores públicos era o que mais e melhor servisse.

Proclamei que me considerava um quase oeirense, pois era membro correspondente do Instituto Histórico de Oeiras, do qual, para elevada honra minha, recebera a Medalha do Mérito Visconde da Parnaíba, que me fora outorgada na gestão do presidente Dagoberto Carvalho Júnior, e me fora entregue no início da administração de seu sucessor, Antônio Reinaldo Soares Filho. Há longos anos sou amigo de ambos. Tive a satisfação de prefaciar a sexta edição do esmerado livro Passeio a Oeiras, da autoria de Dagoberto, sobre quem já havia escrito alguns textos de crítica literária.

Disse-lhes ainda que havia escrito vários textos sobre Oeiras e oeirenses. Primeiro, escrevi Noturno de Oeiras, que foi publicado em formato de álbum, com ilustrações de Francisco Leandro. Posteriormente, por simpática “cobrança” do advogado Talver Mendes de Carvalho, compus o Noturno do Cemitério Velho de Oeiras. Ao longo de minha já alongada ligação afetiva e sentimental à Terra Mater, escrevi vários textos em prosa, sobretudo crônicas, crítica literária e discursos, em que abordo assuntos e escritores oeirenses.

Enfeixei esses trabalhos no livro Noturno de Oeiras e outras evocações. Lancei-o em memorável e engalanada noite velhacapiana, sob os auspícios do Instituto Barros de Ensino, em que houve a apresentação de magníficos números artísticos, com meus versos sendo cantados ou interpretados por alunos do educandário. Como se tudo isso não fosse o bastante, o Dr. Moisés Reis, com muito talento, engenho e arte, fez uma brilhante apresentação dessa obra.

Na minha primeira semana funcional na Velha Mocha, fui conhecer a Galeria do Divino. Esse espaço cultural é mantido graças à abnegação e esforço do poeta e escritor Olavo Braz Barbosa Nunes Filho, que adquiriu a casa e as dezenas de obras artísticas, que nela são expostas. Nota-se que o espaço é bem cuidado, e se mantém limpo e bem-organizado. As obras são etiquetadas com fichas técnicas, que fornecem dados sobre a obra e seu autor. Entre outros objetos, são expostos talhas, esculturas e oratórios, alguns tendo como suporte velhas bilheiras. Não é supérfluo esclarecer que Olavo Braz Nunes fez tudo com o seu próprio dinheiro, sem a ajuda de órgãos públicos, que quase sempre nada fazem e nem ajudam os que fazem.

No espaço reservado aos “Poetas Anjos e Anjos Poetas”, vi placas de vidro com belos poemas sobre Oeiras ou escritos por oeirenses. Encontrei poemas de Expedito Rêgo, Dagoberto Carvalho Júnior, Gerson Campos, Nogueira Tapety, Ribamar Matos, O. G. Rêgo de Carvalho, Vidal de Freitas, Balduino Barbosa de Deus, Rogério Newton, Gutemberg Soares, Cassi Neiva, Stefano Ferreira, Gutemberg Rocha, Júnior Mariano, Conceição Neiva, Vivaldo Simão, Teresa Mendes de Carvalho, Paula Nataniele Nunes, Cyntia Osório, Edilberto Vila Nova e Olavo Nunes.

Sobre muitos desses poetas já tive oportunidade de emitir comentários. Para gáudio meu, conforme Dagoberto já estampara em crônica, ali estava também o meu Noturno de Oeiras. E tudo isso, repito, graças ao esforço e aos metais do mecenas e divulgador cultural Olavo Braz Nunes.

RELEMBRANÇA DE POSSIDÔNIO

Em agosto de 1989, na qualidade de presidente da União Brasileira de Escritores do Piauí – UBE-PI, fiz realizar em Oeiras o III Encontro de Escritores do Piauí. O evento foi bastante concorrido e coroado de sucesso, com a presença de importantes escritores piauienses, além de consagrados intelectuais da Terra Mater. Prestei homenagem, com placa da UBE-PI, ao grande romancista oeirense O. G. Rego de Carvalho. Entre outras importantes palestras, destacou-se uma sobre a imprensa piauiense, documentada por ter sido uma peça escrita, do saudoso médico e escritor Expedito Rego, devidamente apresentado pelo seu admirador e afilhado Carlos Rubem, promotor de justiça e de cultura, produtor e agitador cultural.

Foi a primeira vez em que vi o titã Possidônio Queiroz, como o chamou o cronista Gutenberg Rocha, que me prefaciou, com muita competência e louçania, o meu opúsculo Noturno de Oeiras. Fomos visitá-lo, entre outros que a minha memória já não registra, Chico Miguel de Moura, Hardi Filho, Júlio Caribé, Adrião Neto, Ivanildo Di Deus, que pelas suas “diabruras” chamo de Ivanildo de los Diablos, Carlos Rubem e este escriba. Possidônio era um negro miúdo e franzino no porte, mas era um gigante das letras e da música. Vimos a sua avantajada biblioteca. Depois, ficamos a palrar em seu terraço.

A conversar não é bem o correto, porque, para satisfação e lucro do grupo, só o velho Possi falava. Apresentou-se com o seu aparelho auditivo na mão, e nos foi logo advertindo que sem ele nada escutava. Não o colocou no ouvido, e desfiou um longo monólogo em que imediatamente se percebia ser ele um versado e versátil causeur. Foi melhor assim, porque na relativa solidão em que vivia, já viúvo e um tanto recolhido, tinha muito que dizer, e a chegada dessa trupe foi uma oportunidade ímpar de mostrar sua sabedoria de vida e cultura. Não soube, então, de sua extraordinária obra musical. Com efeito, só vim a conhecê-la muitos anos depois, através de um compact disc editado pela Fundação Cultural Monsenhor Chaves – FCMC, em que a Orquestra de Câmara de Teresina, sob a regência do grande maestro Emmanuel Maciel, coadjuvado por seu filho Vítor Maciel, executava suas belíssimas valsas. Esse regente, mediante acurado e metucioso trabalho, lhe resgatou a obra musical, dando-lhe novos e belos arranjos, tanto através desse cd como de um livro, no qual lhe transcreveu várias partituras.

É de se ressaltar, também, o empenho da Orquestra de Bandolins de Oeiras, que por intermédio da magia dos dedos ágeis de talentosas senhoras, não deixam cair no esquecimento a sublime música de Possidônio, tanto em suas esporádicas apresentações, como por meio do cd Bandolins de Oeiras, que, imortais, immortalizarão essa música divina, que nada deve às magníficas valsas vienenses, dos célebres Strauss.

As valsas do mestre são de timbre erudito, de caprichosa tessitura e variados movimentos. Formam micro valsas contidas numa valsa maior, que lhes dá o formato de rica unidade. Por vezes alcançam a culminância suntuosa de uma catedral, mas contendo, na sucessividade e perfeito encadeamento das frases musicais, a beleza miúda e detalhista

de uma ourivesaria minimalista e perfeita. Música que suporta ser ouvida infinitas vezes, com o mesmo encantamento e cheiro de novidade da vez primeira, que não se esvai com o tempo, mas que, com o passar das eras, se torna ainda mais apetecível. Como prosador, era um mestre, um estilista esmerado, na construção de frases perfeitas, rítmicas, repassadas de emoção e beleza, embebidas de denso conteúdo, sempre pertinente, desprovido dos arrotos da erudição balofa e exibicionista.

Creio ser fora de dúvida que a formação musical de Possidônio se deu na primeira metade do século passado. Causa espanto, como numa época dessa, em que Oeiras, como de resto todo o Piauí, vivia mergulhada em profundo insulamento cultural, em que os preconceitos da elite eram maiores, um negro pobre pudesse alcançar o patrimônio intelectual e musical, que ele amealhou, autodidata que era. Certamente o foi através da perseverança de indormidas noites de estudo, mercê de uma poderosa disciplina e vocação para as letras e para a música. Sobretudo pelas dificuldades de comunicação e intercâmbio, em que não se dispunha, como hoje, de um serviço de correios mais ágil, em que as informações e materiais artísticos podem ser obtidos por reembolso postal, serviço de encomenda postal, pedidos por fax, carta, telefone, Internet etc., sendo que esta última, além de se constituir como um verdadeiro shopping center virtual, é ainda fonte caudalosa de cultura e notícias.

Vi o Bruxo Velho de Oeiras, como o cognominou Carlos Rubem, em bela e brincalhona alusão ao epíteto de Machado de Assis, o Bruxo do Cosme Velho, pela derradeira vez, no Cine-Teatro Oeiras, quando do lançamento de seu cd Valsas Piauienses, em que se apresentou a Orquestra de Câmara de Teresina, sob a regência do maestro Emmanuel Maciel. O mestre Possidônio, surdo, colocava a cabeça dentro das cavidades das caixas amplificadoras, na ânsia inglória de escutar as sublimidades que ele próprio criara. Lembrou-me Beethoven, sem poder ouvir a música extraordinária que produzira e nem os aplausos delirantes que o seu gênio divino arrancava.

Lembrou-me, também, os versos de Drummond: “Era meu avô já surdo, / querendo escutar as aves / pintadas no céu da igreja”. E a música do sacerdotal Possidônio era como uma catedral soberba, que tudo envolvia, em que éramos os crentes e o culto era o êxtase dessa música celeste.

UMA NOITE, EM OEIRAS

Fui a Oeiras, a convite de vários amigos da Terra Mater, entre eles Carlos Rubem e Rita Campos, com a finalidade de assistir à teatralização de meu poema Noturno de Oeiras, a ser feita pelo grande ator e performático Bonifácio, entre as naveas vetustas e sagradas da Catedral de Nossa Senhora da Vitória, por ocasião da solenidade comemorativa da data magna da velha capital, 24 de janeiro, na versão do corrente ano. Foi uma representação memorável, em que Bonifácio, excedendo-se a si mesmo, a todos comoveu e emocionou, com a sua exímia interpretação, dando vida, imagens e cores aos versos do poema, transportando-nos a um mundo encantado que ainda insiste em permanecer, apesar da voracidade avassaladora da mídia e da mediocridade reinante.

Assistiria, ainda, no mesmo dia, à solenidade de entrega das medalhas do Mérito Renascença do Piauí, em que várias personalidades ilustres de Oeiras seriam agraciadas, entre as quais o legítimo Dom Quixote Carlos Rubem, a esgrimir sua lança contra os moinhos de vento da indiferença e do descaso para com os reais valores da cultura e do patrimônio arquitetônico e artístico da Velha Mocha. Também participaria, à noite, da solenidade de posse da nova diretoria do Instituto Histórico de Oeiras, do qual tenho a elevada honra de ser sócio correspondente, ocasião em que teria a oportunidade de rever vários conhecidos, colegas e amigos, dentre os quais dona Alina Ferraz Nunes, o historiador e cronista Antônio Reinaldo Soares Filho, profa. Rita Campos, o prefeito José Tapety Neto, o vereador Pedro Freitas, os advogados José Carneiro e Marcos Barroso, e várias outras pessoas gradas da comunidade, além das queridas componentes da orquestra de bandolins de Oeiras, cujo maravilhoso CD estava sendo divulgado pela Dra. Lourdes Rufino, digna e dinâmica presidente da Fundação Estadual de Cultura e Desporto do Piauí. Nessa solenidade, foi lançado o meu livro “Sete Cidades – roteiro de um passeio poético e sentimental”, o que me fez recordar a noite inesquecível, em que, no adro da Catedral, lancei o meu opúsculo “Noturno de Oeiras”, ladeado por bons e prestimosos amigos. O ponto alto e principal da festa, naturalmente, foi o momento em que o notável cronista e destacado intelectual Ferrer Freitas passava o comando do Instituto ao não menos ilustre Carlos Rubem, do qual se espera, pelo que já fez sozinho, profícua e criativa gestão.

No dia anterior, sempre ciceroneados pelo Carlos Rubem, após um lauto jantar, fomos até o píncaro do Morro da Cruz. A noite era silente e negra, pois a lua, com o seu halo de prata e a sua luz difusa, não quis dar o ar de sua graça, no que, aliás, fez muito bem, porque tivemos a oportunidade de desatar o manto bordado de infinitas estrelas, salpicadas pela mão divina. Do alto do morro contemplávamos o abismo celeste de beleza, enquanto a nossos pés se descortinava um outro abismo: a beleza feérica e encantatória das luzes e da noite de Oeiras, em que se lobrigava, à distância, o vulto esmaecido do Rosário e a magia antiga e bucólica da Canela. Integrávamos um grupo, de que faziam parte Bonifácio, Carlos Rubem, a profa. e historiadora Dorotéia, que se oeirencizou, e outras pessoas.

Como alguns dos presentes estivessem à beira do abismo, o Carlos Rubem simulou empurrá-los para o despeñadeiro. Pelo imprevisto e pela voz cavernosamente impostada do Carlos, as pessoas se assustaram, o que provocou as gargalhadas dos demais circunstantes, acarretando um clima de descontração, porquanto até o momento imperava um respeitoso e inquietante silêncio. Até os violinos e bandolins rascantes das cigarras e grilos principiaram, em surdina, um discreto recital, como uma homenagem à mágica noite oeirense e, sem dúvida, ao inesquecível Possidônio, que em se falando em cultura da velha urbe não poderia ser esquecido.

Começamos a falar dos poetas de Oeiras. Foram lembrados os nomes de Expedito Rego, Nogueira Tapety, Ribamar Matos, Gutenberg Rocha e Gerson Campos, alguns já colhidos pela ceifadora, no esplendor da juventude fugaz. De todos eles foram recitados maravilhosos versos, o que mais concorria para nos envolver a todos na magia daquela noite tão inesquecível quanto inefável, que se desdobrava sob o encantamento divino das estrelas e sobre o devaneio sublime dos vetustos prédios e dos velhos sobrados de Oeiras, tão impregnados de vida humana, em sua glória e miséria, em suas virtudes e vicissitudes.

A título de ensaio e como uma espécie de avant-première, o Bonifácio interpretou, com a sua voz poderosa, vibrátil e sonora, repassada de emoção e calor, o meu poema Noturno de Oeiras, que recitaria, no dia seguinte, nas arcarias e degraus do velho templo da Senhora da Vitória, com cujos versos finais encerro esta crônica, em que mais uma vez declaro o meu amor à velha e querida primeira capital:

Oeiras navega na noite
de um tempo que não termina.
De um tempo sem medida, fugitivo
de ampulhetas e relógios.

MEMORIAL A QUATRO POETAS DE OEIRAS

No dia 13, sexta-feira, à noite, no Café Oeiras, no centro histórico da velha capital, ocorreria o lançamento do livro Sonetos & Retalhos, do saudoso poeta Gerson Campos, ao qual pretendia comparecer, como de fato compareci. Por causa disso e também em virtude de minha já alongada e visceral ligação com a velhacap, resolvi fazer sozinho, em meu carro, o roteiro poético e sentimental de meu poema Noturno de Oeiras, percorrendo diversos logradouros e monumentos arquitetônicos da vetusta urbe.

O centro histórico venho revendo diariamente, posto que o Fórum, onde está instalado o Juizado Especial Cível e Criminal, fica nele situado. Dessa forma, todo dia revejo os casarões, os velhos sobrados, a casa de doze janelas e a catedral de N. S. da Vitória, os quais celebrei em meus versos. Do adro da velha matriz, revejo a bela praça e as suas palmeiras imperiais, quase diria episcopais palmeiras, uma vez que estão em episcopal cidade, a de mais acendrado e fervoroso catolicismo.

Em meu périplo turístico e poético, fui inicialmente à casa grande da antiga Fazenda Canela, onde viveu e morreu o grande poeta Nogueira Tapety, sobre o qual já tive o ensejo de escrever um pequeno ensaio de crítica literária. Contemplei-a bem, e a achei um tanto deteriorada. Falei isso ao Dr. Carlos Rubem, parente e admirador do poeta, cujo livro póstumo *Arte e Tormento* foi por ele editado, à noite, um pouco antes do início do evento cultural. Respirei aliviado quando ele me informou que o arquiteto Olavo Pereira da Silva Filho, com o qual se encontrava, estava fazendo o estudo de restauração da sede da extinta fazenda, que remonta ao século XIX.

Impregnado da lembrança dos versos do vate Nogueira Tapety, falecido ainda jovem, cujo extraordinário soneto *Senhora da Bondade* sei de cor, não pude deixar de me lembrar que outros três grandes poetas piauienses, nascidos em Oeiras, também morreram precocemente. Gerson Campos, o grande homenageado do dia, “traído” pelo coração, cujas engrenagens já vinham desengrenadas, faleceu com 39 anos incompletos, num estádio de futebol, que hoje ostenta seu nome, emocionado com a vitória da Seleção de Oeiras, ocorrida nos momentos finais da partida. Foi ele também radialista e desportista, além de ótimo goleiro; nesta posição fui seu colega, uma vez que também cometi minhas “voadas” e pontes acrobáticas em campos de futebol.

J. Ribamar Matos, funcionário do Banco do Nordeste do Brasil, também morreu precocemente, vítima de um desastre automobilístico, acontecido no Ceará, em circunstâncias que ignoro. Era um poeta ligado à tradição da poesia; seus sonetos, rimados e metrificados, tinham substrato geralmente lírico, pelo que estou lembrado. Um ano antes de sua trágica morte, prestou sentida homenagem a Gerson Campos, em emocionante texto, publicado no jornal *O Cometa* de junho de 1973, ainda sob o impacto do fatídico acontecimento, no qual dizia não aceitar a “injustiça da Morte, que nivela os bons e os maus”.

O outro grande bardo oeirense, colhido pela “indesejada das gentes” ainda relativamente no verdor dos anos, foi Licurgo de Paiva, patrono da cadeira que ocupo na Academia Piauiense de Letras. Sobre ele disse, por ocasião de minha posse no quase secular sodalício: “Licurgo José Henrique de Paiva, cuja carreira literária foi inicialmente tão auspiciosa, tão plena de esperança, foi depois gradativamente declinando até o seu trágico e melancólico crepúsculo, através de uma série de vicissitudes, em sua vida particular e profissional, sobretudo ocasionadas pela dipsomania, que frustrou todos os bons augúrios com que os astros lhe acenavam. Na derrocada final do sol negro da desgraça, terminou sendo enterrado numa sepultura por muitos considerada ignota, em lugar remoto do Piauí.”

Com a lembrança desses grandes vates em minha mente, e sabedor de que Nogueira Tapety, recolhido na Fazenda Canela, já nos momentos finais de sua curta vida, recebera a visita de Baurélio Mangabeira, outro versejador, e um tanto andarilho (uma vez que fora proprietário de um jornal tipográfico ambulante), que veio de Teresina, em lombo de cavalo, praticamente para se despedir do valoroso bardo físico, imaginei que a vetusta casa da Canela, após restaurada, poderia transformar-se no memorial dos quatro grandes poetas oeirenses, a que me referi.

Continuando a minha peregrinação poética, turística e afetiva, fui ao adro da igreja do Rosário. Reverenciei o antiquíssimo templo. De lá, contemplei a madona da Vitória, a abençoar a cidade do alto do Leme. Do alto do Rosário, consegui localizar as igrejas de N. S. da Conceição e de N. S. da Vitória. Essa contemplação nostálgica, embebida só de emoção e da mais inefável poesia, me fez ir ao Morro da Cruz, para ver de mais alto a querida e velha cidade e a paisagem adusta e agreste, mas também bela, do seu redor. Lembrei-me que sugeri, mais de década atrás, ao Dr. Carlos Rubem Campos Reis que encetasse campanha para que no alto desse outeiro fossem colocadas placas com poemas que cantassem a eterna vila do Mocha. Ele entusiasmou-se com essa ideia, mas certamente encontrou os obstáculos intransponíveis da insensibilidade governamental para a arte e a cultura.

À noite, com a alma encharcada de oieiridade, fui ao lançamento do livro *Sonetos & Retalhos*. Foi uma noite memorável, memoranda. Jamais a esquecerei. Revi velhos amigos. Fiz parte de uma roda composta por Ferrer Freitas, seus irmãos Tadeu e Raimundo, Luís de Artaxerxes (senhor do Alto do Xé) e outros amigos. Foi uma festa de música e poesia. Belas melodias de excelentes letras, verdadeiros poemas, foram executadas e cantadas. O ator Bonifácio Lima, de forma magistral, interpretou o poema *Monólogo de uma Rosa*, emocionando toda a assistência.

Outras pessoas recitaram outros textos poéticos de Gerson Campos, provocando grande encantamento da plateia. Para minha grata surpresa, o experiente e notável cronista Ferrer Freitas, além de ter prestado breve depoimento sobre Gerson Campos, participou de um dueto musical com Vanda Queiroz, em que se saiu muito bem, mormente para mim, que não lhe conhecia a faceta musical.

O senador Wellington Dias fez a apresentação da obra, através de excelente texto, no qual discorreu sobre o livro e a rica personalidade do autor, em que predominava a cordialidade e o bom-humor, com os quais atraía duradouras e sólidas amizades, que ainda lhe reverenciam a memória. A amiga e professora Rita Campos, na qualidade de irmã, prestou a sua homenagem ao ilustre poeta e escritor. Cassi Neiva fez uma eficiente e esclarecedora apresentação de toda a solenidade lítero-musical.

Para que não se diga que neste registro quase não falei no livro *Sonetos e Retalhos*, 2ª edição, passo a fazê-lo agora, embora de forma sintética. Trata-se de um belo projeto gráfico e editorial, levado a efeito pela Fundação Nogueira Tapety, da qual é presidente o promotor de Justiça Carlos Rubem. Gutemberg Rocha foi o revisor da obra, e foi também

um de seus organizadores e autor de vários textos nela acolhidos. De perfeito acabamento gráfico, foi a obra impressa em papel couché. Último Campos produziu-lhe a capa e Dino Alves fez-lhe a ilustração. O design gráfico é da autoria de Josélia Neves.

Enfeixa os sonetos de Gerson Campos, rimados, ritmados, metrificados, geralmente líricos; na parte denominada Retalhos foram coligidos os poemas de fatura e temática diversa, entre os quais vários acrósticos. Nos acrósticos se percebe o grande domínio técnico do bardo, porquanto ele faz o encadeamento dos versos de forma fluida, sem bruscas rupturas e produzindo boas rimas. Quem não é senhor dessa modalidade poética, geralmente coloca versos autônomos, que na verdade são apenas frases colocadas sobre ou sob frases, sem formarem efetivamente uma unidade harmônica e poética.

O prosador comparece com as crônicas de Caleidoscópico I a IV, que foram bastante elogiadas pelos escritores e poetas José Expedito Rego e Rogério Newton, com os quais concordo. Rogério escreveu um excelente ensaio sobre elas, em que lhes louva as virtudes. Em linguagem despojada, quase coloquial, Gerson fala de suas lembranças antigas, das figuras populares que conheceu na infância, de certos costumes que soube guardar na memória, para depois restaurá-las em sua prosa ágil e vívida.

O livro traz ainda um volumoso caderno de fotografias, que documentam a vida e a época em que viveu o autor. A parte Gerson para Sempre agasalha artigos, depoimentos, poemas e crônicas sobre o literato homenageado, em que as suas boas qualidades de poeta, de ser humano e amigo são louvadas com muita ênfase e entusiasmo. Foram escritos por várias pessoas (muitas o conheceram e lhe tinham admiração e estima), entre as quais cito Possidônio Queiroz, Costa Machado, Carlos Said, Gutemberg Soares, Dagoberto Carvalho Jr., Petrarca Rocha de Sá, Joca Oeiras, Bernadete Maria de Andrade Ferraz, além de outros escritores e poetas já referidos ao longo desta crônica.

O lançamento de Sonetos & Retalhos foi uma noite magna, mágica, magnífica, recheada de música e poesia, um verdadeiro e inebriante sarau lítero-musical, em que ouvimos belos depoimentos sobre o inesquecível Gerson Campos, um mestre da alegria, da amizade e da saudável boemia; assim mesmo, com sílaba tônica no i, para que rime com poesia e magia. Afinal, boêmia assenta mais aos gramáticos, puristas, castiços e falsos boêmios.

Expedição ao Sertão Colonial

1. AMARANTE

Na quinta-feira, dia 17, recebi telefonema do des. Carlos Brandão, em que me convidava a participar da “Expedição Sertão Colonial”, a ser iniciada no dia seguinte, pela manhã. Me falou do cronograma e objetivos da viagem. Ao final de seus argumentos, com que procurou me convencer a aderir à empreitada, disse-lhe: “Temo não poder participar, vez que vendi minha picape ao meu filho, que mora em Manaus”. Mas ele me respondeu que me conseguiria uma carona, pelo que fiquei sem motivo para dela não participar. Em virtude de eu lhe ter falado sobre um antigo projeto meu para a cidade de Amarante, ele me disse que me facultaria a palavra, no momento das falações.

Quando cheguei ao parque da Floresta Fóssil (ponto de encontro para a saída), conduzia um exemplar de meu pequeno romance Histórias de Évora, para ofertar a algum amigo. Logo fui abordado por uma pessoa que ficou interessada e curiosa sobre o livro e seu conteúdo. Em rápidas palavras, lhe expliquei que a Évora de minha ficção era uma cidade fictícia, misto de Parnaíba e Campo Maior dos anos 1960/1980, bem como, em menor escala, de outras urbes de nosso estado.

Acrescentei que, como pano de fundo, ele tratava um pouco da história recente, econômica e social do Piauí, sobretudo da decadência do extrativismo econômico e da agonia, paixão e morte dos velhos cabarés, que outrora incendiavam o imaginário dos adolescentes e jovens. Como propaganda, afirmei que se ele superasse os três capítulos iniciais, leria todo o romance. De fato, alguns minutos depois, o professor universitário Samuel Pontes do Nascimento (era este o nome de meu potencial leitor), me falou haver lido o primeiro capítulo, e me asseverou que prosseguiria em sua leitura. Numa época de escassos leitores, isso me soou como um elogio.

Após o café na Floresta Fóssil de Teresina, e depois de uma elucidativa palestra sobre o projeto de revitalização desse ponto turístico e de pesquisa, inclusive com a construção de novos e importantes equipamentos para essa finalidade, seguimos para a cidade de Amarante, com parada inicial no parque ecológico e turístico da Cachaça Lira, onde poderíamos sorver dois ou três tragos dessa deliciosa pinga. Em seu restaurante degustamos um saboroso jantar.

No passeio e jardim da margem piauiense do Parnaíba, houve vários e pertinentes pronunciamentos, entre os quais o do médico e intelectual Francisco (Tatá) Almeida, que é meu velho conhecido. Em seu consultório ele tem uma bela e enorme escultura do excelso poeta Da Costa e Silva em postura declamatória. Tem na cabeça minuciosa biografia de Da Costa, um verdadeiro livro virtual, que espero seja publicado na internet e no formato impresso. Discorreu sobre aspectos interessantes e pitorescos da vida do grande vate, e lhe recitou de cor alguns poemas, em mais de uma ocasião de nosso périplo amarantino.

Quando terminaram os pronunciamentos, previamente programados, o des. Brandão abriu espaço para que eu falasse do que há várias décadas eu havia idealizado. Subi à tribuna improvisada, no caso a borda de um canteiro da pracinha, e de forma muito sucinta disse que estivera em Amarante várias vezes, desde a primeira metade dos anos 1980, tanto a serviço da extinta Sunab, como para participar de eventos culturais. (Inclusive, acrescento agora, em minha gestão como presidente da União Brasileira de Escritores do Piauí – UBE-PI promovi um encontro de escritores nessa bela terra azul do nosso poeta maior, quase uma ilha, na verdade um jardim incrustado nas confluências do Mulato, do Canindé e do Parnaíba, cercado pela beleza azul das serras e colinas, que o grande bardo tanto exaltou em magníficos versos.)

Falei que, no período 1988/1990, na qualidade de presidente da UBE-PI, encetei uma campanha para que os restos mortais de Antônio Francisco da Costa e Silva (1885 – 1950) fossem sepultados em Amarante, sua terra natal; que no cemitério do Rio de Janeiro, por maior que ele tenha sido, e ele de fato é um dos maiores poetas brasileiros, seu túmulo é apenas mais um túmulo entre milhares, mas que em seu torrão seria visitado e reverenciado por milhares de piauienses e amarantinos. Usei, trinta anos atrás, como fundamento de minha campanha, o seu próprio desejo, expresso no segundo terceto do soneto Amarante: “Terra para se amar com o grande amor que tenho! / Terra onde tive o berço e de onde espero ainda / sete palmos de gleba e os dois braços de um lenho!”

Portanto, defendi a ideia de que seja construído em Amarante um mausoléu e memorial, de preferência com auditório, estátua e placas modernas, com ilustrações, em que seriam estampados alguns de seus poemas antológicos, bem como poemas de outros autores sobre ele e sobre a sua bucólica cidade. Como alguém aparteou, lembrando que o embaixador e poeta Alberto da Costa e Silva é contra esse traslado, o escritor e historiador Reginaldo Miranda, de forma certeira, concisa, precisa e incisiva disse que não haveria problema; que o mausoléu ficaria como um símbolo. Então, retomando a palavra, disse que o monumento ficaria com um espaço reservado, à espera de que, no futuro, fosse possível a vinda das cinzas do grande bardo, para o cumprimento de seu desejo.

Estivemos ainda na frente do Museu Odilon Nunes, que foi um dos maiores historiadores do Piauí e do Brasil, para homenageá-lo e para abraçar, simbolicamente, o vetusto casarão. Nele não pudemos entrar, pois suas portas se encontravam fechadas. Tivemos a informação, não sei se verídica, de que os trabalhos de pintura, limpeza e restauração já estavam concluídos, mas que, mesmo assim, por motivos não informados, essa casa cultural não fora reaberta.

A seguir, fomos nos postar aos pés da escadaria do Morro da Saudade (é assim que o chamo em homenagem a Da Costa e Silva e a seu poema Saudade), onde foram tiradas algumas fotografias dos expedicionários. Conforme constava na programação, um dos coordenadores nos convidou a subirmos os degraus, mas sem olharmos para trás, como foi bem enfatizado. Assim fizemos. Contudo, quando eu estava na metade da escalada, recebi recado de que o professor e advogado Valdeci Cavalcante, presidente do sistema FECOMÉRCIO, desejava falar comigo. Mesmo correndo o risco de virar uma estátua

de sal, como no episódio bíblico da mulher de Ló, resolvi olhar para trás, para atender o pedido, pois acreditava tratar-se de algo importante.

E realmente foi algo muito, muito importante. Quando cheguei, o Valdeci, que conversava com o advogado Márcio Freitas, apontando para um terreno que havia no sopé do morro, exclamou: “Bem aí, nesse terreno desocupado, vou construir o mausoléu e memorial em homenagem ao grande poeta Da Costa e Silva”. Não posso dizer o quanto fiquei feliz e emocionado, ainda mais porque Valdeci Cavalcante sempre cumpre as suas promessas, ao contrário de muitos políticos e falastrões. O dr. Tatá, após retornar da subida ao mirante, disse que iria pedir ao artista plástico Hostyano Machado que fizesse o projeto, para entregar ao grande mecenas da cultura piauiense. Pedi-lhe que o fizesse o mais rápido possível, para aproveitarmos a boa vontade de Valdeci e a disponibilidade orçamentária e financeira da FECOMÉRCIO.

Quando olhei o velho casarão que existe na esquina, perto do início da escadaria, ensombrado por grande oitizeiro, recordei da primeira vez em que estive em Amarante, ainda jovem e entusiasmado, com a vida e com a poesia, que então, estuante, me borbulhava no cérebro, como o gênio em Castro Alves. Três décadas atrás, havia um hotel instalado nesse prédio solarengo. E eu imaginava que nele havia fantasmas de poetas mortos, e gorgolejos e golfadas de afogados nas águas traiçoeiras das enchentes do Velho Monge.

Não pude deixar de lembrar um episódio que vivi nesse casarão. Numa fria e silenciosa madrugada acordei com forte vontade de urinar. Com medo desses fantasmas, tentei me conter, chegando mesmo ao cúmulo de ainda procurar um urinol. Apesar do heroico esforço, não pude resistir, e mesmo com medo enfrentei o longo corredor fantasmagórico, até encontrar o mictório. Durante o ato fisiológico, comecei a ouvir uns penosos gemidos. Pensei, de início, fossem de algum moribundo ou doente, mas logo os associei a almas penadas de poetas ou de afogados, como nos poemas de Argila da Memória, do amarantino Clóvis Moura, notável poeta e sociólogo dos melhores.

Incontinenti, tratei de retornar ao meu dormitório, em passos apressados, fustigado pelo sobrosso. De manhã, na hora do café, o mistério foi desfeito. Soube, então, que no quarto próximo ao banheiro dormira (ou melhor, passara a noite) um casal em plena lua de mel. Logo vi que não se tratava de almas penadas, mas de almas “penando” nos entreveros do amor e da paixão.

Quando estive na ribanceira do Parnaíba, me lembrei de longínqua tarde em que lá estive, a degustar umas talagadas de pinga com água tônica, em companhia de meu amigo e poeta Virgílio Queiroz, a conversar sobre cultura e poesia, a que não faltaram as indefectíveis anedotas, de preferência amarantinas. Nenhuma folha se mexia naquela tarde morna e parada. Mas, de repente, veio um pé de vento, que farfalhou na frondosa árvore, sob cuja sombra estávamos, e sacudiu as faveiras da proximidade, que passaram a emitir uma toada de chocalhos e guizos.

Em minha mente surgiram os índios alegres da região, que cantavam e dançavam ao som dos maracás, e que outrora perlongaram as barrancas sinuosas do Velho Monge. Talvez esse momento de insight ou mesmo epifania tenha sido a gênese de meu poema Amarante, em que perpassa o farfalhar do vento nas faveiras e nos ciprestes, em que a água gorgoleja e “boceja nas bocas de lobo dos esgotos” e “gargareja nas gargantas gosmentas dos gargalos”, e deriva singular para as águas plurais do Parnaíba.

E eu não pude deixar de sentir saudade do rapaz que eu fui, algumas vezes ingênuo, mas sempre tão cheio de sonhos, tão sentimental e emotivo, em que a poesia, a me arder na alma, parecia me consumir. E como terapia e catarse, eu tive que escrever os versos que escrevi.

2. OEIRAS

Chegamos a Oeiras na boca da noite do dia 18. Fomos conhecer o museu do Sobrado Major Selemérico, no qual estive em outras ocasiões culturais. Estava restaurado e limpo. Vi antigos móveis e sua ambientação, que me fez viajar ao Piauí colonial. Estavam expostos vários quadros e a galeria dos governadores republicanos. Em outro ambiente havia a pintura de quase todos os governadores provinciais (mas não os coloniais ou da velha Capitania). A partir do operoso Zacarias de Gois, seu construtor, eles governaram o Piauí provincial, tendo como palácio esse vetusto sobrado, rústico e sem luxo. Sem traumas e sem preconceitos, ali estava o retrato do Conselheiro Saraiva, o fundador de Teresina, a nova capital. Mas, também, dominava o recinto, entronado na moldura, o Visconde da Parnaíba, oeirense que governou a província por dezesseis anos.

Fui abordado na calçada do sobrado pelos vereadores José Alberto Pinheiro de Araújo, presidente da Câmara Municipal, e Francisco Espedito Nunes Martins. Me comunicaram que meu Título de Cidadão Oeirense, concedido em 2013, me seria entregue neste ano. Fiquei muito satisfeito com a notícia, e disse que o mais difícil, a concessão, já estava feito, ao que Espedito Martins retrucou: “O mais fácil... a votação foi por unanimidade”. Sou agradecido a todos os parlamentares oeirenses por essa alta honraria, que consagra a minha condição de oeirense por devoção e vocação.

Assisti com muita atenção à magnífica palestra do professor e secretário municipal de Cultura Stefano Ferreira, intitulada “Interpretação do Patrimônio Cultural”. Em voz de correta dicção e pronúncia, com frases claras e bem construídas, com riqueza de detalhes e denso conteúdo, o palestrante discorreu, com notável poder de síntese, sobre diversos aspectos da cultura oeirense, tais como patrimônio arquitetônico, música, literatura, religiosidade, artesanato e costumes. Após ter visto a linda Praça das Vitórias e os bem-conservados solares e sobrados coloniais, a conferência de Stefano me fez ressurgir a Oeiras colonial, que insiste em permanecer, mesmo ante a insolência e iconoclastia dos dias atuais.

Sem dúvida foi uma das melhores palestras a que tive a oportunidade de assistir, ilustrada ainda por oportunos e elucidativos slides, e com certeza a melhor na temática abordada. E para minha maior satisfação, uma das telas projetadas estampava estes versos de meu Noturno de Oeiras: “Oeiras navega na noite / de um tempo que não termina”. Stefano teceu rápidas considerações elogiosas a esse poema. Também fez referência ao Noturno do Cemitério Velho de Oeiras.

Uma voz, não sei se do Carlos Rubem, defensor perpétuo das coisas oeirenses, ou se do Alcide Filho, exímio fotógrafo e cinegrafista, disse que eu estava presente. Como o Stefano tentasse me localizar no meio da multidão, lhe acenei, sentado em minha cadeira. Não tendo ele me visto, pediram que me levantasse. Para minha honra e contentamento, tive a alma afagada por uma forte saraivada de palmas. Obrigado a todos os oeirenses e expedicionários por esse momento ímpar na vida de um poeta menor e provinciano.

Sinto-me quase forçado a esclarecer que Noturno de Oeiras já foi entoado em diferentes ocasiões e locais da velha capital. Na solenidade de restauração do antigo fórum, na gestão do des. José Luís Martins de Carvalho, foi interpretado pelo ator Bonifácio Lima no Cine Teatro Oeiras; em certo 24 de janeiro, data magna oeirense, foi recitado entre as naves da tricentenária catedral, assim como também em seu adro. Foi declamado em rodas de poesia, documentários e em lançamento de livros. Existem cliques dele no You Tube.

Tendo escrito vários textos sobre Oeiras, além dos dois poemas citados, resolvi enfeixá-los no livro “Noturno de Oeiras e outras evocações”, que o IBENS lançou em memorável acontecimento cultural, em que foram apresentados números de dança, música e uma performance de Noturno. Um aluno do Instituto Barros de Ensino - IBENS musicou o Noturno do Cemitério Velho de Oeiras e o apresentou nessa ocasião. Essa obra foi apresentada nessa solenidade pelo advogado e escritor Moisés Reis. Sobre esse livro disse o médico Elisabeto Ribeiro Gonçalves, um dos maiores oftalmologistas do Brasil, em bela missiva: “Além das virtudes próprias do livro, que são tantas, ele me dá, de lambujem, mais uma satisfação e um encantamento: rememorar Oeiras, retornar a Oeiras, reviver Oeiras. // O livro é Oeiras encadernada, viva, palpitante. Ele me levou a Oeiras, de onde saí ainda bem jovem em busca do conhecimento que ela não poderia mais me dar. Mas não sei, não sei...”

Após essa digressão, retomo a trilha expedicionária, para dizer que por volta das 23 horas fomos ao Hotel do SESC, onde ficamos hospedados, em cuja recepção, tempos atrás, Valdeci Cavalcante mandou afixar uma grande e bela placa de metal, na qual consta o meu poema Noturno de Oeiras. Degustamos um lauto e delicioso jantar. No dia seguinte, tivemos um farto café interativo, em que o engenheiro Avelino Neiva, presidente da Codevasf, proferiu uma palestra sobre o projeto de restauração da navegabilidade do Parnaíba, inicialmente de Uruçuí até Teresina, e, em segunda etapa, se o porto for construído, até Luís Correia.

Segundo o palestrante e outros técnicos da companhia a navegabilidade é viável e pode ser restaurada, e já existe um empresário interessado e com recurso suficiente para essa empreitada. Para mim, que tenho denunciado a degradação do Velho Monge em diferentes ocasiões, bem como apontado soluções, tanto por escrito como através de minha voz, achei uma notícia auspiciosa, inclusive em termos econômicos, pois o transporte dos produtos seria barateado consideravelmente. Oxalá esse projeto se torne uma realidade. Navegar é preciso, mas salvar o Parnaíba é mais preciso ainda. Esse rio é o mais importante e imprescindível patrimônio natural do Piauí.

Após a palestra, fomos em demanda da “Fábrica dos Sonhos”, perdida num dos confins dos sertões de Cabrobó.

3. SANTO INÁCIO E CAMPINAS DO PIAUÍ

Seguindo a orientação de Carlos Rubem, nos deslocamos para Santo Inácio do Piauí, que outrora teve o bucólico nome de Brejo de Santo Inácio. Iríamos visitar o degradado olho-d’água. Nesse brejo, em pleno Piauí colonial, a partir de 1711, os jesuítas nele tomavam banho. Pelo que se observa em seu redor, e pelo que se sabe da história da região, nessa época deveria ser um local totalmente isolado.

Os padres construíram a casa e a ermida em local sobranceiro, um verdadeiro mirante, de onde se observa a longa distância toda a paisagem circundante, e as faldas de morros em seu redor. A casa foi restaurada, embora com algumas restrições apontadas pelo grande arquiteto Olavo Pereira da Silva Filho, um dos maiores peritos na área de restauração. Segundo ele me informou, três imagens de santos da igreja são do período colonial. Fui vê-las e deu para que eu percebesse a sua antiguidade, observável em sua textura cromática e desgastes naturais. Também observei, seguindo informação do Olavo, que o altar, em certos pontos, apresentava resquício de sua construção inicial.

Aliás, ouvi comentários de que até a década de 1960, a igreja dos padres da Companhia de Jesus de Santo Inácio de Loiola ainda apresentava a sua feição colonial, mas que teria sido demolida (a pretexto de reforma, ampliação e melhoramentos) para que homens gananciosos tentassem encontrar supostos tesouros enterrados pelos jesuítas, quando da ordem de confisco e expulsão da época do Marquês de Pombal. Também os comentários que me chegaram diziam que o banheiro dos padres, com as pedras formando uma espécie de caracol, também existia até cinquenta ou sessenta anos atrás; todavia, pelo mesmo motivo, foi destruído, dele só restando algumas pedras. Não sei se se trata apenas de histórias um tanto lendárias sobre os tesouros de jesuítas, que também ocorrem em outros lugares, nem tampouco se é mesmo verdade o motivo da destruição da igreja e do banheiro, que deveriam ter sido preservados como testemunhas e fontes da história do Piauí Colonial.

O banheiro dos padres fica a uma boa distância. A ida até lá foi sem problema. Mas a volta, com o sol a pino, e com a trilha em constante e implacável subida,

extenuou alguns expedicionários, que tiveram de fazer paradas estratégicas, à sombra de duas ou três árvores que se destacavam no descampado. No local da vertente, houve alguns pronunciamentos, em que foi pedida a sua recuperação, através de drenagem e reflorestamento, sobretudo. Restou, ao menos, a esperança naquele sertão adusto e esquecido de que algo pode ser feito.

Seguimos para Campinas do Piauí.

Outrora, denominada Campos, ao tempo da instalação da fábrica de laticínios. De mulheres idosas, nas quais ainda remanesce um pouco da antiga e gloriosa beleza, dizem os ironistas e sarcastas, entre os quais não me incluo, que são uma bela ruína. Mas a fábrica de laticínios do engenheiro Sampaio, bastante deteriorada, é mesmo uma bela e imponente ruína, a um passo de se tornar escombros, quase uma imensa tapera, no meio de construções novas e de uma quadra esportiva, que lhe encobre a fachada, ainda majestosa apesar da incúria do poder público.

Segundo afirma e pergunta Fernando Pessoa, “Sem a loucura que é o homem / Mais que a besta sadia, / Cadáver adiado que procria?” Loucura no sentido, talvez, de sonho utópico ou de difícil realização. Nessa acepção, pelo que tenho lido e meditado, ao longo de alguns anos, o engenheiro Antônio José de Sampaio foi um sonhador e um louco. Mas foi também um realizador e empreendedor, que não soube, talvez, calcular todas as consequências de sua obra magna. Esse engenheiro, cientista, professor, escritor e poliglota, nasceu na Fazenda Ininga, hoje cidade de José de Freitas, em 9 de abril de 1857. Vejo que nasci no mesmo dia que ele, 99 anos depois. Morreu em 1906.

No meio do nada, como hoje se costuma dizer (embora, segundo muitos acreditam, o nada sequer exista) construiu o seu sonho. Para esse fim, em 26/04/1889 firmou vultoso contrato de arrendamento com o governo imperial. Nesse mesmo ano sobreveio a Proclamação da República, que lhe trouxe ônus adicionais, sob alegações diversas, inclusive supostos descumprimentos de cláusulas. Comprou modernos, caros e pesados maquinários, que tiveram de ser levados até o porto de Floriano, pelo rio Parnaíba.

Levar esses pesados equipamentos e peças, no final do século XIX, de Floriano até Campos (hoje Campinas do Piauí) foi um trabalho hercúleo e uma verdadeira epopeia, como bem disseram os escritores Luís Mendes Ribeiro Gonçalves e Reginaldo Miranda, ambos da Academia Piauiense de Letras. Sem dúvida, os entraves burocráticos, as dificuldades financeiras enfrentadas pelo engenheiro Sampaio, e a condução das partes desmontadas da fábrica, em longo trecho de precárias estradas carroçáveis, enfrentando atoleiros de lama e areais, atravessando rios e riachos, dariam um belo filme épico. Para que fossem vencidos esses atoleiros usavam peles bovinas, sobre as quais passavam as ringidoras rodas de madeira. Em alguns trechos teve de abrir estradas, quebrar morros e construir pontes e pontilhões. Dezenas de bois morreram, extenuados, nessa penosa jornada.

O contrato de arrendamento previa vários ônus dispendiosos a serem custeados por Sampaio, entre os quais manter o Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara,

construir frigorífico, fábrica de gelo, estação meteorológica; introduzir melhores raças de gado vacum, lanígero, cavalariço e muar; adquirir maquinaria moderna para fabricação de manteiga, queijo, leite condensado e outros produtos, sobre os quais não pretendo me estender, porquanto a sua simples enumeração não exaustiva é suficiente para o que pretendo concluir.

Com o arrendamento, o engenheiro Sampaio passou a administrar imensas glebas de terras e um grande rebanho de gado bovino “pé duro”, que pertenceram a Domingos Afonso Sertão e depois aos jesuítas, dos quais foram confiscados e passaram a constituir as Fazendas Nacionais. Trouxe alguns colonos italianos e suas famílias (cerca de quarenta), que por esse simples fato lhe acarretaram grandes despesas, além das salariais que adviriam. Teve que adquirir reses propícias à produção de leite, mas certamente em pequena quantidade. Como se sabe, as vacas nativas ou curraleiras produzem pouco leite, e por isso não são adequadas ao laticínio.

Mas, além de todos esses percalços econômicos, financeiros, de transporte, de pessoal, e burocráticos, que tiveram de ser enfrentados, como dito acima, a meu ver o maior problema foi o da logística. Ora, havia a imensidão de terra e o gado pé duro, adaptado à criação extensiva. Mas para o leiteiro talvez houvesse a necessidade de ração, medicamentos e outros insumos, que teriam de vir de muito longe. Teria que haver consumidores para os produtos da fábrica, que não estavam na região, que então era deserta ou de desprezível densidade demográfica, como ainda hoje o é.

Esses consumidores estavam em locais muito distantes. O porto fluvial mais perto se localizava no Estabelecimento Rural São Pedro de Alcântara, que deu origem à cidade de Floriano. Portanto, teria que ser percorrida uma distância de mais de mais de duzentos quilômetros. E os produtos teriam que ser levados em lombos de animais ou em veículos de tração animal, por trilhas rústicas, ou estradas carroçáveis, talvez impossíveis de serem percorridas no período chuvoso. De Floriano teriam que ser levados, por via aquática, até os longínquos centros consumidores. Ademais, o preço dessas mercadorias teria competitividade com as produzidas na região em que se encontrava o público consumidor?

Daí, sem querer tirar o mérito e a glória do engenheiro Sampaio, creio poder afirmar que esse lindo e grande sonho, não levou na devida conta a logística de transporte, distribuição e mercado consumidor, e os custos e despesas a que fiz referência. Por conseguinte, teria mesmo que fracassar, mais cedo ou mais tarde, quando os recursos financeiros se exaurissem e as dívidas se acumulassem. Foi um sonho megalomaníaco que malogrou, e cujo belo e imponente prédio se transformou em um magnífico ocaso, que ainda hoje ilumina a pequena urbe que nasceu em seu derredor. Contudo, parafraseando o poeta já citado, sonhar é preciso, viver não é preciso.

O edifício recebeu o abraço simbólico de todos os expedicionários. Visitamos as suas entranhas, os seus sótãos e porões, os seus alçapões mais recônditos, as suas vísceras mais esconsas, e vimos que está muito mal, como um moribundo em seu leito de

morte, como um paciente em estado terminal. Houve vários pronunciamentos. O Carlos Rubem relembrou os velhos tempos em que iniciou a campanha pela sua restauração. O des. Carlos Brandão falou da importância de sua preservação. O senador Elmano Ferrer e a deputada federal Margarete Coelho prometeram emvidar esforços em prol de sua restauração. O senador prometeu propor uma emenda, salvo engano, no valor de R\$ 500.000,00 para esse objetivo. O prefeito Valdinei Carvalho de Macedo estava presente e também fez uso da palavra, na mesma toada e refrão.

A professora Socorro Alves, campinense, que estudou e lecionou nesse vetusto prédio industrial, falou de sua história e de suas lembranças, já que ele é parte integrante e indissociável da história e da paisagem arquitetônica e sentimental da cidade. Olhando os detalhes esmerados e ornamentais de sua arquitetura, que muito deve ao engenheiro alemão Alfredo Modrack e seus auxiliares, e, sobretudo, vendo a sua fragilizada chaminé, já sem o orgulhoso penacho de fumaça, que ostentou na época de seu fastígio, senti que o apito saudoso de sua caldeira ainda parece ecoar nesse sertão esquecido, a implorar por socorro.

Socorro que tanto tarda, e que talvez não venha, ou venha demasiado tarde, quando já nada mais possa ser feito.

MINHA GEOGRAFIA OEIRENSE

Pouco desejo dizer, pois o que tinha a dizer está dito neste livro, através de seus poemas, de suas crônicas e nos textos de crítica literária e discursos. Contudo, ratifico que o meu fascínio por Oeiras vem desde minha infância, quando li, num livro didático denominado, salvo engano, Nosso Tesouro, uma “lição” sobre essa plaga, em que se falava numa certa Vila da Mocha. Como e quando a conheci pela primeira vez está contado num desses textos.

Depois tive a satisfação de escrever o Noturno de Oeiras, que já foi recitado e interpretado em várias solenidades oeirenses, entre as quais uma quando da reinauguração do Fórum Des. Cândido Martins, na gestão do Des. José Luiz Martins de Carvalho, como presidente do Tribunal de Justiça do Piauí, realizada no Cine-Teatro Oeiras, e uma outra entre as naves vetustas da Catedral de N. Senhora da Vitória, promovida pelo Governo do Estado, ambas com performance do ator Bonifácio. Em 2005, em roda de poesia comemorativa do 24 de janeiro, o poeta Élio Ferreira entoou, em Oeiras, esse poema. Esse texto, para gáudio meu, tem sido citado em crônica, artigo, prefácio etc., que acho mais importante que certas distinções honoríficas. Entre os seus admiradores cito o doutor Moisés Reis, advogado e ex-secretário da Fazenda Estadual, que me disse sempre emocionar-se ao relê-lo, o que é um grande elogio numa época em que poucos sequer leem, quanto mais releem. Quando escrevi esse poema, o doutor Talver de Carvalho Mendes me escreveu uma pequena carta em que discorria sobre os sons maviosos dos

bandolins e dizia ter sentido falta, no meu noturno, de referência ao cemitério velho. Fustigado pela sua simpática queixa, terminei escrevendo o Noturno do Cemitério Velho de Oeiras, a que acresci os acordes encantados de misteriosos bandolins, egressos de inefáveis dimensões.

A professora Dorothea Moura que, pesquisando nas lápides do vetusto campo santo, inestimáveis serviços prestou à memória histórica oeirense, tentou editá-lo, sem sucesso, não obstante seu esforço, mas conseguindo as belas ilustrações que enriquecem essa edição.

Aliás, os amigos de Oeiras sempre tiveram um grande apreço por esses dois poemas, apreço que os meus conterrâneos jamais tiveram pelos poemas em que exaltei minha terra natal – terra dos vastos campos maiores. Esse fato até me faz lembrar as palavras de Cristo, que disse um profeta não ser profeta em sua terra natal. Mudando a palavra, mas mantendo o sentido e criando a rima, digo que um poeta não é um poeta em seu próprio torrão. De tal forma fiquei vinculado a Oeiras, que não é raro alguém me considerar oeirense. Essa consideração só encontra paralelo na que tenho recebido de Parnaíba, mas aí já é uma outra história.

Meu opúsculo Noturno de Oeiras, com ilustrações de Francisco Leandro e apresentação do poeta Gutemberg Rocha, foi lançado no adro da catedral, em bonito evento cultural, com a participação de grande público, em que estavam presentes Rita Campos e Carlos Rubem.

Na presidência do escritor Dagoberto Carvalho Júnior recebi o título de sócio correspondente do Instituto Histórico de Oeiras, cujo diploma e insígnias me foram entregues na gestão de seu sucessor, o meu amigo Antonio Reinaldo Soares Filho, oportunidade em que discurssei e exaltei a minha afetividade pela velha capital. Esse discurso aqui está enfeitado.

Quando o saudoso escritor e médico Expedito Rêgo lançou o seu romance Vidas em Contraste, tive a honra de ser o apresentador na solenidade de lançamento, a convite do intelectual e cronista Pedro Ferrer, depois de ter feito a “via sacra”, que, em vez de ladainha, vinho e estações, contém conversa, cerveja e paradas estratégicas nos botecos da beira da estrada, com ele, com seu irmão Tadeu e o escritor João José Ferraz. Nessa ocasião reví, pela derradeira vez, o meu saudoso professor Balduino Barbosa de Deus, a cuja homenagem em sua memória, no auditório da OAB-PI, assisti; em altissonante peroração, no seu inigualável estilo clássico, na linguagem castiça de sempre, o mestre José de Ribamar Freitas, de forma vibrante e enérgica, invocou a sua presença, como que o ressuscitando, tão nítida era sua evocação, através dessa peça da oratória piauiense. Vejam-se a palestra de lançamento de Vida em Contraste e a crônica sobre Balduino, contidas neste volume.

Logo que assumi a presidência da União Brasileira de Escritores do Piauí – UBE-PI (gestão 88/90), promovi a realização do III Encontro de Escritores Piauienses, oportunidade em que prestei homenagem ao romancista oeirense O. G. Rêgo de Carvalho.

Nesse evento, a que faço referência num dos textos desta obra, o escritor Expedito Rêgo proferiu importante palestra sobre a história da imprensa da Terra Mater, que constitui excelente obra de pesquisa histórica, uma vez que foi por escrito. Nessa ocasião eu e vários escritores visitamos o grande Possidônio Queiroz, visita que aqui se encontra coligida em forma de crônica, que também foi publicada em vários periódicos, inclusive na Revista do I. H. O. e na edição especial, feita em sua memória, do jornal O Estado do Piauí, de Oeiras.

Em minha peregrinação cultural oeirense, tive a elevada satisfação de escrever sobre o sublime poeta Nogueira Tapety, cujo poema Senhora da Bondade sei de cor. Nogueira é uma das mais expressivas vozes da lírica piauiense, como reconheço no meu texto, que aqui dou à estampa.

Na boa terra oeirense lancei alguns de meus livros, inclusive o Rosa dos Ventos Gerais, na solenidade magna do dia 24 de janeiro de 2003, a convite de Carlos Rubem, então presidente do Instituto Histórico de Oeiras, com palestra de apresentação proferida pelo juiz e escritor Oton Lustosa. Essa solenidade, comemorativa da adesão do Piauí à Independência do Brasil, contou com a presença das mais altas autoridades do Piauí, entre as quais o governador Wellington Dias, escritor e oeirense.

Uma das mais importantes solenidades de que participei, em Oeiras, foi o lançamento do livro Oeiras é assim, do amigo Gutemberg Rocha, de que tive a honra de fazer o prefácio, que achei por bem incluir nesta obra. Foi uma noite memoranda, de belas palavras, de músicas encantadoras, em que pude mais uma vez constatar o forte apego dos oeirenses às coisas do espírito, às coisas da cultura, numa demonstração de civilidade e cidadania, em que se percebem os requintes de consolidada tradição cultural. Intercalados pelos discursos, ouvimos os eflúvios maravilhosos das teclas acionadas pelo dedos ágeis de dona Ana Barroso, os acordes da flauta mágica do pastor e maestro Francisco Queiroz e os sons angélicos, celestiais da orquestra de bandolins, das legendárias bandolinistas de Oeiras, cujos nomes consagro: Lilásia Freitas, Maria do Rosário Lemos dos Santos, Maria Antonieta Maranhão, Maria José (Cabeceira) e Petronila Amorim, a que acrescento os da maestrina Celina Vieira Martins e dos “benditos sois entre as mulheres” Tom Chico e Josué.

Aproveitando o ensejo, fiz novo périplo turístico, ciceroneado por Carlos Rubem, em que tirei muitas fotografias desses inesquecíveis logradouros, e conheci as excentricidades mansas do Hermínio, que na busca utópica e inglória de montar um pretensa oficina, construiu um verdadeiro museu a céu aberto de velhos carros, de automóveis que marcaram época, com suas carcaças enfiadas na areia, às vezes expostas ao sol inclemente do semiárido, às vezes protegidas pelas frondosas árvores da quinta, que me fizeram retornar no tempo, como se eu tivesse entrado no túnel do tempo de antiga ficção, ou atravessado um “buraco de minhoca”, como se fala, de forma algo bem-humorada, com pitadas de ironia, nas especulações quânticas da mais avançada física teórica.

Para honra minha, fiz a apresentação do romance *Vozes da Ribanceira*, do magistrado e escritor Oton Lustosa, na terra mater, cujo texto não pôde ser inserido neste livro em virtude de que sua formatação já estava concluída. Quando eu iniciava a leitura do texto, faltou energia elétrica, o que inviabilizou o sistema de som, e conseqüentemente o prosseguimento da leitura, que foi feita pouco depois na bela Praça das Vitórias. Curiosamente, o público guardou silêncio por alguns momentos, e no lugar de vaias e assobios contra uma culpa que não era de ninguém, começou a entoar belas músicas de serestas na noite estrelada da velha Mocha, o que comprova a alta civilidade, educação e cultura dos oeirenses. Esse lançamento se deu por ocasião da instalação oficial da Fundação Nogueira Tapety, oportunidade em que passou a funcionar o excelente site dessa instituição cultural (fnt.org.br), que publicou esse e outros textos de minha autoria.

No dia cinco de abril do corrente ano de 2007, quinta-feira santa, na noite da procissão do fogaréu, estive novamente na velha capital. Dessa feita para a solenidade de lançamento de meu livro *Lira dos Cinquentanos* e exibição do documentário (DVD) *O Poeta e seus Labirintos*, sobre a minha poesia, mas que traz belas imagens de Oeiras. A apresentação ficou a cargo do escritor e advogado Moisés Reis, que se houve com o brilhantismo de sempre. Seu discurso-ensaio serve de prefácio a este livro, uma vez que analisa a minha poemática. O evento foi organizado pelo incansável Carlos Rubem, defensor-mor do sertão oirense, e contou com o apoio da FNT, do Instituto Histórico de Oeiras e da Prefeitura Municipal, cujos titulares Carlos Rubem, Pedro Freitas e Natanael Reis, se encontravam presentes. Também marcaram presença os magistrados Sebastião Firmino e Mara Rúbia, o promotor de Justiça Carlos Washington, o secretário estadual da Saúde, Assis Carvalho, o secretário municipal de Cultura, Stefano Ferreira, além de outras excelsas pessoas, como Antonio Reinaldo Soares Filho, Maria Eulália, Rita Campos, Conceição Barroso, advogado José Carneiro, Pedro Júnior... Tudo devidamente documentado pelas lentes argutas e artísticas de Lúcia Vanda. Foi o primeiro lançamento de livro realizado no espaço cultural Solar das 12 Janelas.

Na qualidade de anexos, achei importante inserir o prefácio da primeira edição, uma sintética crítica sobre um pequeno poema da minha autoria, duas cartas, várias crônicas, uma das quais sobre uma viagem a Oeiras, da lavra dos escritores Gutemberg Rocha, Antonio Reinaldo Soares Filho, Talver de Carvalho Mendes, Fonseca Neto, Pedro Ferrer Freitas, Expedito Rêgo e Clea Rezende Neves de Melo, que julgo enriquecerem este livro, por serem textos escritos por oeirenses e/ou relacionados à velhacap.

Se o leitor fizer um exercício de paciência e me der a honra de me ler, verá desfilando nestas páginas, ainda que prejudicados pelas deficiências deste escriba, os sítios arquitetônicos e geográficos das mágicas plagas oeirenses e várias figuras emblemáticas de sua história cultural, musical e literária.

Se me foi impossível laborar no grau do ótimo ou do excelente, como gostaria e Oeiras bem merece, laborei no máximo que me foi possível e permitido laborar, mas tendo sempre em mente que a eterna Vila da Mocha é digna de mais e melhor.

(*) Prefácio do livro *Noturno de Oeiras e outras evocações*, publicado em 2007. Foi lançado em Oeiras em 03/12/2010, em magnífica solenidade, com várias atrações artísticas, graças ao apoio do Instituto Barros de Ensino – IBENS. Foi apresentado pelo escritor e advogado Moisés Reis.

CARTA-LOUVAÇÃO A NOTURNO DE OEIRAS E OUTRAS EVOCAÇÕES (*)

Prezado poeta ELMAR CARVALHO,

Acabei de ler o seu livro, “*Noturno de Oeiras e outras evocações*”, que você, a pedido de minha querida irmã Anatólia, gentilmente me enviou.

Li-o de uma tacada, como se diz, pois não faz mais de uma semana que o recebi.

Li mais rápido que de costume, não para me desincumbir do compromisso de dar alguma satisfação ao autor, mas o li assim, vorazmente, porque o livro, por seus vários méritos, me aguçou o interesse.

Logo no início da leitura, lembrei-me do ensinamento da escritora americana, Susan Sontag, em seu *Questão de Ênfase. Ensaio: não há livro digno de ser lido se não for digno de ser lido várias vezes*. Não tive nenhuma dúvida de que “*Noturno...*” devia ser lido, merecia ser lido, não uma, mas várias vezes. E é o que está sendo feito, poeta.

Além das virtudes próprias do livro, que são tantas, ele me dá, de lambujem, mais uma satisfação e um encantamento: rememorar Oeiras, retornar a Oeiras, reviver Oeiras.

O livro é Oeiras encadernada, viva, palpitante. Ele me levou a Oeiras, de onde saí ainda bem jovem em busca do conhecimento que ela não poderia mais me dar. Mas não sei, não sei...

Fico pensando, poeta, se Oeiras, hoje uma insofrida saudade, não teria me ensinado o pouco que hoje sei (ou penso saber) da vida e do mundo. Oeiras teria sido a minha universidade não oficial, pois ela, abrigando tantos professores titulares de vida, de experiência e plenos de generosidade, poderia, sem dúvida, ter ensinado muito e muito mais ao menino que fui e ao homem que seria.

Se, como dizem, o menino é o pai do homem, este menino de Oeiras, se por lá tivesse ficado, hoje teria muito mais para dar e transmitir a este adulto que agora lhe escreve. Mas, infelizmente, vi-me obrigado a cabular as aulas oficiadas pela mestra Oeiras, mas a ela sempre volto, pouco fisicamente, mas a todo tempo em que o tempo da memória e do afeto me permite.

Seu livro trouxe Oeiras a Belo Horizonte, trouxe-a a mim, com sua rotina modorrenta, suas tradições, seus odores, os meus amigos de infância, a escola e seus Mestres, suas lendas e ajudou-me a me recompor, a fazer uma remontagem emocional da nossa Oeiras. E logo me vejo em Oeiras, menino, quem sabe de calças curtas, na Vila do Mocha, assustado com os fantasmas que perambulavam (e ainda perambulam) pelo Sobrado Velho (sobrado dos Ferraz?), pelos becos e pelos Cemitérios, velhos os dois.

Você, poeta, com sua arte e inteligência, recriou-me Oeiras, inteirinha. Tão animado fiquei que, por conta própria, tomei a liberdade de inserir, na sua moldura oeirense, os doidos de minha infância, os doidos de Oeiras: Antônio Bocão (seu Tonho), Ana Ruça, Dorête, Zé Doidim, Claro, e Sabino. Os alfenins de que você fala, levou-me a Sancha, vizinha nossa, que sabia fazê-los como ninguém, brancos, gostosos, macios, exatamente como você aponta no Noturno de Oeiras.

“Noturno de Oeiras”... Como comentá-lo? Tudo já foi dito sobre o poema e eu estaria tão só chovendo no molhado. Mas não resisto em comentar o verso “onde músicos falecidos acordam sons delicados”. Acordar (tecer acordes) e acordar (sair do sono). Magistral essa ambiguidade poética. Porque os músicos de Oeiras eram famosos por sua sensibilidade e destreza em compor e tecer pautas de rara beleza.

Mas esses músicos também, com o pretexto de seus versos, acordaram em minha memória e lá estou eu assistindo-os, embevecido, no coreto da antiga Praça da Bandeira, a praça mais bonita de quantas pude ver. Lá estão eles: Osíris (no trombone de vara), Levi (no pistom), seu Lico (no tambor), Tabaqueiro (nos pratos), Doca (na tuba). Esses e tantos outros, afora a atividade individual, reuniam-se na noite de toda quinta-feira para um espetáculo de musicalidade e talento com uma das bandas (eram duas) de que Oeiras dispunha.

Possidônio Queiroz é um capítulo à parte. Dono de raro talento para a música (tocava auto) e as letras, possuía um conhecimento enciclopédico e uma capacidade invulgar de ser gentil e obsequioso. De todos os oeirenses, do mais letrado ao mais simples, exalava admiração e respeito pelo homem e pelo artista Possidônio.

Pois bem, o seu “Noturno...” é arte de fina e rebuscada engenharia literária e poética, é um régio presente às letras piauienses e à história e à memória de Oeiras. O progresso, poeta, tem o defeito de compartimentar a história, confinando-a nos limites de uma nesga de tempo vivida por determinada geração. Digo de outra forma: em termos de memória, as gerações só têm compromissos com o seu tempo. É necessário, de uma forma ou de outra, resgatar o tempo passado, tecer um liame vivo entre o ontem e o hoje, ensinar aos homens de agora a importância do exemplo e dos valores das gerações passadas.

Seu livro, poeta, é essa linha luminosa trafegando entre Oeiras atual, moderna (ou modernizada) e Oeiras dos sobradões, dos seixos nas ruas, dos Passos, da Casa da Pólvora, da Cadeia Velha, da Casa do Visconde, do Pé de Deus e do Diabo, das Igrejas, do relógio da Matriz (“com o mostrador roído pela pátina”), do Grupo Escolar Costa Alvarenga e do Ginásio Municipal Oeirense (nos quais estudei), das quintas (ainda se dizia “quintas”!)

do Cel. Orlando (meu avô), de “seu” Tibério Siqueira e Morena (grandes amigos), do meu tio João Ribeiro (Santa Rita), dos umbus do Condado e de dona Clarice, do Poço dos Cavalos (onde quase me afoguei), do Morro do Leme, dos Urubus, da Sociedade...

Tempo em que os comerciantes fechavam suas lojas às 11h e só retornavam ao trabalho às 14, depois de uma tranquila e reconfortante sesta. Naquele tempo todos sesteavam, só o velho relógio da Matriz insistia em manter-se acordado, repetindo suas “badaladas punhaladas” de susto e compromisso.

Tempo de homens e mulheres imperecíveis, cartilhas vivas nas quais, menino, aprendi um pouco (ou muito) do bê-a-bá da vida. É preciso, poeta, que as gerações atuais não se esqueçam das que se foram e o seu livro é um chamado a esse não-esquecimento, a essa reverência ao passado tão rico de homens e mulheres e das lições escritas e repetidas por eles.

É preciso que não nos esqueçamos de Joel Campos, Bembém, Xé, Edul, João Burane, Zé Sá, Raimundinho Sá, Pedro Ferrer, Pedro Sá, Luiz Rego e Odete, Gerson Campos e sua saudável irreverência, Orlando Carvalho e Anatólia (meus avós maternos), Yaiá (minha avó paterna), Paulo de Tarso e Iolanda (meus pais), Mário Freitas e dona Conceição, Mãe Tonha, dona Sinhá e Iara (dos queimados), Antônio Gentil (da “casa das doze janelas doze donzelas”), de Galeno e Julieta, dos Tabaqueiros, de “seu” Natu e dona Darinha, de Zé Lopes, do Cônego Cardoso, do Mons. Leopoldo, de Tiborão e dona Cocota, minha mestra, vivíssima, graças a Deus.

Pedro Ferrer Mendes de Freitas, Pedro Ferrer do seu livro, jornalista e escritor dos bons, Ferrezinho para a família, Farroz para a molecada da nossa infância e meninice. Neto de um outro Pedro Ferrer, um dos homens mais elegantes, finos e gentis de minha época, um dos grandes amigos de minha família e, em especial, do meu pai.

Mas já escrevi muito, poeta, muito além do que devia. É que seu livro e seu acendrado amor por Oeiras transformaram você num amigo de longa data, aquele que nos dá total liberdade pra conversar, sem limites de tempo.

Muito obrigado pelo livro, vou relê-lo várias vezes, sempre em busca do prazer, do enriquecimento e conforto que sua leitura me dá.

Abraços afetuosos do amigo e admirador,

Elisabeto Ribeiro Gonçalves

() Tomei a liberdade de acrescentar esse título ao texto da magnífica carta que o Dr. Elisabeto Ribeiro Gonçalves me enviou, através de e-mail, que muito me desvaneceu e honrou.*

SÍNTESE BIOGRÁFICA DE ELMAR CARVALHO

José Elmar de Mélo Carvalho nasceu em Campo Maior, em 09.04.1956. Residiu por vários anos em Parnaíba, onde se formou em Administração de Empresas (UFPI). Reside em Teresina, desde 1982, na qual se bacharelou em Direito (UFPI). Exerceu o cargo de Fiscal de Abastecimento e Preços (SUNAB), por concurso público. Filho de Miguel Arcângelo de Deus Carvalho e Rosália Maria de Mélo Carvalho. Casado com Fátima, com quem tem dois filhos: João Miguel e Elmara Cristina. Colaborou com os seguintes jornais e revistas: A Luta, O Dia, Jornal da Manhã, O Estado, Meio Norte, Folha do Litoral, Norte do Piauí, Inovação, Almanaque da Parnaíba, Presença, Cadernos de Teresina, Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado, revistas do Instituto Histórico de Oeiras e da Academia Piauiense de Letras etc. Participou das seguintes obras coletivas: Poesia do Campus, Salada Seleta, Em Três Tempos, Galopando, Poemágico, Poemari(t)imos, Poesia Teresinense Hoje, Postais da Cidade Verde, Andarilhos da Palavra (I e II), A Poesia Piauiense no Século XX, de Assis Brasil, Baião de Todos, de Cineas Santos, Nordeste (SESC/SP), Crônicas de Sempre, de Adrião Neto, Antologia dos Poetas Piauienses, de Wilson Carvalho Gonçalves, entre outras. Co-autor do livro A Poesia Parnaibana (2001), juntamente com Adrião Neto e Alcenor Candeira Filho. Autor, entre outros, dos livros Cromos de Campo Maior (1990 e 1995), Noturno de Oeiras (1994), Rosa dos Ventos Gerais (3 edições: 1996, 2002 e 2016), Sete Cidades – roteiro de um passeio poético e sentimental (2000), Parnaíba no Coração (2006), Lira dos Cinquentanos (2006), Noturno de Oeiras e outras evocações (2009), Bernardo de Carvalho – o Fundador de Bitorocara (2 edições: 2012 e 2016), Amar Amaranete (2013), Retrato de minha mãe (2013), Confissões de um juiz (2014), Retrato de meu pai (2016), Histórias de Évora (2017) e História e vida literária: atas da APL(2020). Presidiu o Diretório Acadêmico 3 de Março e a União Brasileira de Escritores do Piauí (UBE/PI). Um dos fundadores do jornal mimeografado Abertura. Coordenador do espaço literário Textos e Pretextos, do suplemento do D.O.E. É mencionado nos seguintes livros: Grande Dicionário Histórico-Biográfico Piauiense, de Wilson Carvalho Gonçalves, Dicionário Biográfico Escritores Piauienses de Todos os Tempos, de Adrião Neto, Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí, de Cláudio Bastos, Geração Campo Maior – anotações para uma enciclopédia, de Reginaldo Gonçalves de Lima, Aspectos da Literatura Piauiense, de Alcenor Candeira Filho, Visão Histórica da Literatura Piauiense, de Herculano Moraes, e Dicionário de Poetas Contemporâneos etc. Recebeu, entre outras, as seguintes honrarias e distinções: Medalha do Méri-

to Visconde da Parnaíba (Instituto Histórico de Oeiras), Comenda do Mérito Da Costa e Silva (UBE/PI), Personalidade Cultural (UBE/RJ) e Comenda do Mérito Renascença do Piauí (Governo do Estado). Cidadão honorário de várias cidades. Foi citado no livro Teoria e Prática da Crítica Literária, de Assis Brasil. Além de poeta, é contista, cronista e crítico literário. Foi membro do Conselho Editorial da Universidade Federal do Piauí, coordenador de Literatura e Editoração e presidente do Conselho Editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Membro da Academia Piauiense de Letras, da Academia Parnaibana de Letras – APAL, da Academia de Letras do Vale do Longá, da Academia Maçônica de Letras do Estado do Piauí, da Academia de Letras da Magistratura Piauiense, da Academia de Letras e Belas Artes de Floriano e Vale do Parnaíba, da Academia Campomaio-riense de Artes e Letras – ACALE, da Academia de Letras do Médio Parnaíba, da Academia de Ciências, Artes e Letras de Piripiri e da Associação Nacional de Escritores - ANE. Sócio correspondente do Instituto Histórico de Oeiras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Pertenceu ao Conselho Estadual do Grande Oriente do Estado do Piauí. Juiz do Tribunal de Justiça Maçônico – GOB-PI. O seu livro Rosa dos Ventos Gerais (1ª edição) recebeu o Prêmio Ribeiro Couto (obra reunida), conferido pela União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro. Um de seus maiores orgulhos é ter pertencido ao Movimento Social e Cultural Inovação, que editava o jornal de mesmo nome, cuja saga gloriosa narrou em ensaio, publicado na revista Cadernos de Teresina e no livro A Poesia Parnaibana. Ao aposentar-se, no dia 19 de dezembro de 2014, quando fazia exatamente 17 anos de magistratura (e mais de 39 de serviço público), publicou o livro Confissões de um juiz. Tem vários livros publicados na www.amazon.com.br. Desde janeiro de 2010, é titular do blog poetaelmar.blogspot.com.br. Em seus quase 40 anos de serviço público, nunca sofreu pena disciplinar, nem mesmo de advertência ou repreensão.

